



ACARF Clube UNESCO



PUB

Alvarás n.º EOP 25947
n.º ICC 258

**DANIEL, FILHOS,
CONSTRUÇÕES, LDA**

Rua da Fonte Velha
4740 Forjães Esposende
Fax: 253 877 137

Telm.: José - 937470992
Fernando - 939021837
Aníbal - 93 72 44 793

O FORJANENSE

Director: Mário Robalo
Directora executiva: Susana Costa
Subdirector: Cláudio Brochado
Setembro 2010 • Ano XXV 2ª série • n.º 255
Fundado em Dezembro 1984
Euros 0,80

O rio de Forjães



© Teresa Almeida 10.

**Centenário da República:
as histórias de um republicano
e de um monárquico
forjanenses**

págs. 2-4

**Entrevista
João Cepa fala
da falta de médicos
e do Centro Escolar**

pág. 5



www.espoauto.com

espoauto@espoauto.com

Bouro - Gardia - 4740 - 473 Esposende - Tel. 253 969 180

EspoAuto
comércio de automóveis

Centenário da República

Em Forjães, a implantação do regime republicano não foi uma novidade. Já se cultivava a luta contra a monarquia que, mesmo assim, continuou a ter adeptos fiéis e convictos Textos Ricardo Brochado

O republicano professor

Está Proclamada a República!». A 16 de Outubro de 1910, foi assim noticiada a mudança de regime em Portugal pelo jornal **O Espozendense**, dando conta das primeiras manifestações de agrado pelo novo regime.

Há uma lacuna de edição daquele semanário que, na semana anterior, não fora publicado, talvez já devido às últimas convulsões da Monarquia e ao primeiro choro da República.

Em Forjães, como em muitas localidades do país, o republicanismo alastrava já muito antes destes acontecimentos. E uma das figuras de proa era José Albino Alves de Faria. Tendo estudado no Magistério, no Porto, foi professor em Forjães. Lecionou no edifício que é hoje a actual Casa Pereira, que também funcionou como prisão. O republicano assumiu ainda o cargo de delegado escolar, secretário e presidente da Junta da Freguesia, além de ter ainda tomado nas suas mãos o Registo Civil de Forjães.

José Albino Faria foi ainda encarregado dos negócios de António Rodrigues de Faria, seu primo, com quem se correspondia. E com ele partilhou certamente os ideais republicanos, como se pode depreender de uma iniciativa comum de ambos: a Festa da Árvore. A 3 de Janeiro de 1909, ocorreu em Forjães a sua primeira celebração, na qual José Albino discursou (**ver texto na pág. 3**). Num texto cuidado, inspirador, e muito actual, o professor vai transcorrendo os ideais republicanos, confessando mesmo a sua admiração pela «florescente e progressiva república Norte Americana», um dos grandes exemplos para as repúblicas vindouras.

Testemunhos recolhidos, revelam que José Albino Faria, enquanto professor, não se limitava a ensinar apenas a ler e a escrever. Na sua pedagogia incluía elementos mais práticos, dos quais importa referir o ensino da poda e enxertia. Ensinando os alunos nas suas propriedades, dotava-os de habilidades que os ajudariam no futuro, numa terra onde, então, a agricultura ocupava uma parte significativa da população.

A sua ligação aos ideais republicanos trouxe-lhe alguns dissabores. Quando em 1919, se desencadeou a sublevação que ficará conhecida como a «Monarquia do Norte», a sua casa no Matinho (actualmente Turismo de Habitação) foi apedrejada por simpatizantes monárquicos, obrigando-o a fugir. Durante algum tempo, escondeu-se no Monte da Peneirada, o que obrigava, durante a noite, um criado da sua confiança, levar-lhe a comida do dia seguinte. Entretanto, por confusão de nomes e cargos, o seu primo Albino Martins de Faria, também professor, fora levado para a cadeia, actual Casa Pereira. Reza a lenda que, quando ao ser encarcerado, disse à pessoa que o prendera: «Toma cuidado que o próximo a vir para aqui és tu». E assim foi. A «Monarquia do Norte» não vingou...

Passado o curto exílio na Peneirada, José Albino foi para o Brasil e por lá teria ficado, não fosse a teimosia da sua esposa que, tendo ficado em Portugal com os filhos, não tinha intenções de deixar Forjães. Homem de carácter calmo, diz-se que só perdeu as estribeiras, quando, à socapa, lhe trocaram a bandeira da República pela da Monarquia.

O monárquico letrado

Está ali contudo a alma do republicanismo português – o encarnado do sangue que deram e fizeram derramar, o verde da erva de que, por direito mental, devem alimentar-se», escreveu Fernando Pessoa no livro **Da República**.

A política, ontem como hoje, sempre foi e é uma forma de afastar pessoas que são pares em cultura, hábitos e ideais. Infelizmente, a discordância em meia dúzia de pontos é o suficiente para mortes, perseguições, fugas e todo um imenso drama, que se evitaria com um pouco mais de racionalidade.

O forjanense Joaquim Brochado, apoiante da causa monárquica, embora não tenha sido professor era um letrado. Assim o confirma o seu cargo de correspondente dos jornais **O Século** e **O Comércio do Porto**.

Considerado, por quem ainda se lembra dele, como «um senhor distinto e afável, de muito boa figura». Em conjunto com Dídimo Cunha, foi responsável pela criação do primeiro agrupamento de escuteiros em Forjães. Armando Costa, conhecido por todos como Costinha, uma das pessoas que fez parte de um dos primitivos agrupamentos de escuteiros, recorda: «O tio Joaquim passava por aqui e dizia: 'Armando, aqui está o teu'». Eram os jornais que, diariamente, lhe deixava para ler. Naquele tempo em que até a co-

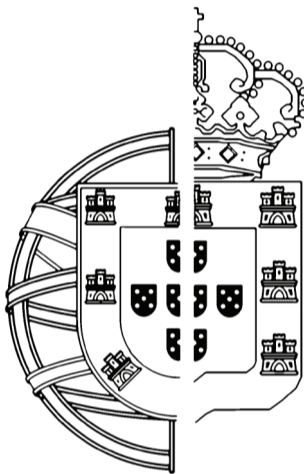
mida era escassa, receber um jornal de um ardina tão distinto era um luxo.

À morte de sua irmã Maria Emília, recolheu à sua casa, em Pregais, como tutor de dois dos seus sobrinhos, aos quais proporcionou a educação. Primeiro, ao Carlos, que depois ingressa no seminário de Montariol em Braga, onde começou a criar as bases para a futura carreira de docente universitário, e mais tarde ao Mário, que poderia ter seguido as passadas do irmão. Mas à intervenção de Henrique Brochado – filho do monárquico, que não queria ficar sem o «menino» – Mário ficou, tendo sido educado pelo tio. E as memórias «das noites passadas à lareira com o tio Joaquim a ler, um com **O Século** e o outro com o suplemento para os mais novos», é um dos melhores testemunhos do homem que Joaquim Brochado era.

As suas ligações com a causa monárquica também lhe trouxeram, à imagem do republicano José Albino, dissabores. Um dia, quando as forças republicanas estavam mais exaltadas, viu-se obrigado a fugir para a Galiza com um rabo de bacalhau debaixo do braço e um broa debaixo do outro.

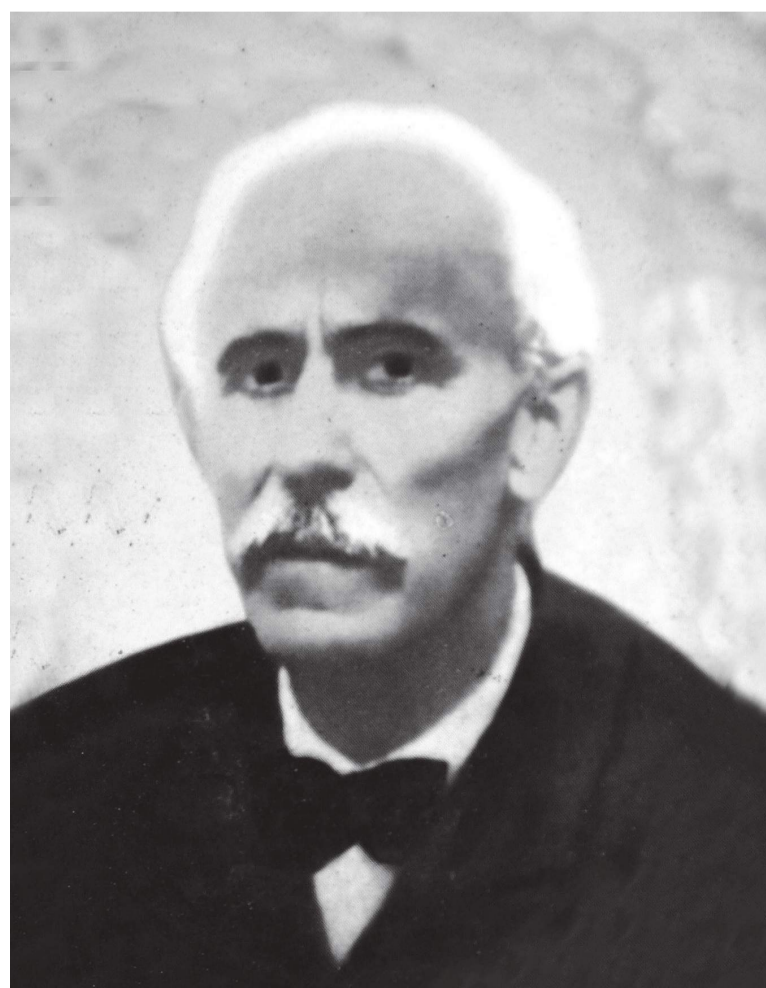
É caso para dizer que um português quando foge não se esquece do bacalhau.

O monárquico Joaquim Alberto Pinto Brochado nasceu em 1897 e faleceu em 1960.



Colecção de José Armando Faria Ferreira

José Albino Faria promoveu em 1909, juntamente com António Rodrigues de Faria (à dta. na foto), uma manifestação de índole republicana



Com o 5 de Outubro, o monárquico Joaquim Brochado viu-se obrigado a fugir para terras de Espanha

Os ideais de José Albino Faria

Em Portugal é esta festa pouco conhecida, pouco popular, em virtude de vários factores negativos que explicam a causa do nosso lamentável atraso, como são o ténue impulso, o desleixo e por vezes o absoluto desprezo a que foi votada a instrução». Estas palavras foram proferidas no dia 5 de Janeiro de 1909, em Forjães, por José Albino Alves de Faria na Festa da Árvore.

O promotor da festa, António Rodrigues de Faria, convidara aquele forjanense a fazer o elogio da iniciativa, realizada na Escola. O discurso revela já um sentimento de desencanto com a monarquia, particularmente o modelo de ensino, deixando escapar recados a D. Manuel II: «Somos ainda um país de analfabetos em luta aberta contra os preconceitos, a ignorância e a oposição sistemática ao progresso e à luz». As festas da Árvore foram realizadas, em todo o país, por organizações republicanas defensoras do incentivo ao ensino, ao qual associavam uma campanha de replantação de árvores, devido a uma significativa desarborização ao longo do século XIX. Os ideais republicanos de fraternidade, educação e culto à pátria foram assim integrados no culto da árvore, enquanto símbolo do conhecimento. E José Albino de Faria manifestou assim o sonho republicano: «A festa da árvore vai demarcar o alvorecer duma nova aurora que há-de ser colhida com alvoroço e entusiasmo, depois de conhecermos a sua importância, objectivo e fim utilitário».

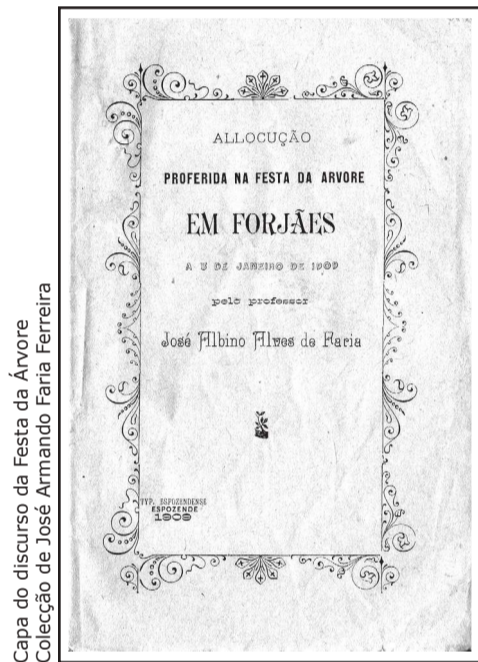
A árvore plantada em 1909 pelas crianças já não existe. No seu local (propriedade de Irene Margarida, neta do republicano José Albino Faria) está, como memória, uma placa.

Mário Robalo

“O exemplo que nos move vem de longe. A florescente e progressiva república Norte Americana

Todo o país que não acompanha o progresso e a evolução(...) é indigno de compartilhar do banquete da civilização

As árvores são uma fonte perene de beleza verdadeira, real, sugestiva, empolgante”



Capa do discurso da Festa da Árvore. Coleção de José Armando Faria Ferreira

Viva a República

A notícia do acto revolucionário de 5 de Outubro que derrubou o regime monárquico chegou aos espozendenses naquele mesmo dia, mas apenas como «boato», por os jornais da capital e do Porto não terem sido distribuídos naquele dia. «Hoje de manhã começou a circular o boato de se haverem sublevado varios regimentos da capital». Assim recordava O ESPOZENDENSE, na sua edição de 16 de Outubro, onde se dava conta de todos os pormenores da sublevação republicana, em Lisboa, e de todas as manifestações populares e actos oficiais em Espozende.

Mas quando, no dia 6, o diário portuense O Primeiro de Janeiro chegou à vila dando «como facto consumado a queda da monarquia», a população exultou. Um enorme grupo percorreu as ruas cantando A Portuguesa e saudando a República, o Exército, a Armada, o governo provisório, o directório e Fonseca Lima, chefe republicano local. E no dia seguinte, pela uma hora da tarde, procedeu-se à esperada proclamação na praça em frente aos Paços do Concelho pelo Dr. João de Barros, presidente da Câmara, tendo-se reunido centenas de populares.

As manifestações perduraram ao longo dos dias seguintes, tendo sido hasteadas bandeiras verdes e vermelhas, marcando o início de uma nova era para a nação portuguesa. Fonseca Lima tomou posse do cargo de administrador do concelho, no dia 8, tendo sido recebido com a entoação do hino nacional, foguetes e vivas. Até os sinos repenicaram, a marcar «o fim da destruição e o início da edificação», como proclamavam orgulhosos os republicanos. Curiosamente, o conde de Vilas Boas, que até àquela data exercera as funções de administrador do concelho, despedia-se de «todas as pessoas das suas relações» e dos «habitantes



do concelho de Espozende», através de um anúncio colocado, precisamente, na edição de O ESPOZENDENSE que relatava os dias de regozijo pela implantação da República.

Entretanto, aquele semanário anotava o facto de os párocos do concelho terem aderido à causa republicana. Depois de referir, em particular, o «abade de Belinho», padre José Pereira da Costa Lima, e o cônego José Manoel de Sousa, «abade de Gemezes», o jornal sublinha que no domingo imediatamente depois da proclamação da República (dia 9), «os parochos do nosso concelho, na ocasião da missa, fizeram uma allocução ao povo das suas freguezias demonstrando-lhe o dever que todos tinhamos de respeitar o novo regime». Recorde-se que uma das primeiras medidas do Governo provisório foi produzir legislação que determinava a «separação da Igreja do Estado» e «a expulsão de frades e irmãs de caridade».

Diana Martins

Comemorar a República... em ESPOSENDE
4 Out. - 30 Nov. 2011: **Letras e Cores, Ideias e Autores da República** (exposição) - ilustrações sobre temáticas republicanas na Biblioteca Municipal;
5 Out. - 28 Fev. 2011: **Os ideais Republicanos em Espozende** (exposição) - peças arquitectónicas enquanto sinais de mudança no Museu Municipal;
7 Out. - 31 Dez.: **Momentos da República** (exposição)

- as notícias da época nos jornais locais no átrio da Câmara; 8 Out.: lançamento do Boletim Cultural dedicado à República no Auditório Fórum António Rodrigues Sampaio (18h); Concerto 100 anos da República no Auditório Municipal (21,30h); Nov. - Maio 2011: **Caminho dos Mareantes com a República** (percurso: edifícios e lugares de figuras locais da I República), marcação no Museu.

...em BARCELOS
25 Set.: **Cem anos de presidência** (exposição) Esculturas de bustos dos Presidentes da República, de 1910 até à actualidade, do arte-são barcelense Joaquim Esteves na Galeria Municipal de Arte, em Barcelos.

...em VIANA DO CASTELO
24 Set.-5 Out. 2011: **No Centenário da Impantação da República** (exposição) na Biblioteca Municipal; abertura com a conferência **A República e a Educação**, por Justino Magalhães (Univ. Lisboa), às 18,30h.

Fernando Pessoa e a República

O poeta da lusitanidade considerou inoportuno o derrube da monarquia. O país não estava preparado, escreveu O forjanense Basílio Torres, professor de português, faz uma recensão dos textos de Pessoa sobre o tema

Em vários textos escritos sobre a República, compilados no livro **Da República** (Ática, 1979, Lisboa), Fernando Pessoa considera que a implantação da República foi um acto extemporâneo, porque o partido republicano, sofrendo de influências estrangeiras, não estava ainda imbuído do espírito português presente na obra dos poetas, desde António Nobre a Afonso Lopes Vieira. O país estaria pronto para a anarquia, mas não estava preparado para o advento da República. A anarquia tem, no entanto, as suas vantagens: agita, intranquiliza, quebra a estagnação e prepara os novos caminhos do futuro e do progresso. Mas, segundo Pessoa, os objectivos republicanos não eram esses. Aliás, a nova bandeira (aquele

«ignóbil trapo», nas palavras de Fernando Pessoa) espelha a alma do regime republicano: «o encarnado do sangue que derramaram e fizeram derramar, o verde da erva de que, por direito mental, devem alimentar-se». Na óptica de Pessoa, a proclamação da República não trouxe benefícios: ausência de melhorias na administração financeira, na administração geral, no clima de paz, na expressão da liberdade. A monarquia social e nacionalmente foi pouco ou nada, contudo foi alguma coisa comparativamente ao nada absoluto em que a República se tornou. Se a Monarquia abusara das ditaduras, os republicanos legislavam em ditadura, como são os exemplos da lei do divórcio, as leis de família, a lei de separação

da Igreja do Estado. Se a Monarquia desperdiçara os dinheiros públicos, a República Velha duplicava os escândalos financeiros. Por conseguinte, Fernando Pessoa ataca visceralmente a primeira fase da República (a República Velha). Esta continuou as tradições desonrosas da Monarquia, alterando somente o *modus operandi*. Dá como exemplo os erros de administração (a incompetência, a imoralidade, o caciquismo), em que Portugal ficou na mesma, mudando, apenas, os protagonistas, «que faziam as asneiras, que praticavam roubos e que escamoteavam ‘eleições’». De sorte que a República Velha era a Monarquia sem Rei. «Como podia deixar de ser assim?». De facto, há uma marca

genética/hereditária que define a mentalidade portuguesa. Se os republicanos viveram no mesmo meio que os monárquicos, só por milagre teriam uma mentalidade diferente. O espírito reformista dos revolucionários de Outubro (política, cultural e económica) esfumou-se no contacto com o poder: «Pensaram resolver a questão política pelo processo simples da abolição da Monarquia; pensaram resolver a questão cultural pelo processo simples da abolição (...) do catolicismo; pensaram resolver o problema económico pelo processo do ataque ao capital». Todavia, o país percebeu que continuavam as políticas monárquicas da imoralidade e do caciquismo, com novos actores: «Em um país imoral não

se pode governar senão imoralmente. É de ordem biológica a razão»; persistia o problema cultural – os anticatólicos enfermavam dos mesmos males dos católicos: a tirania, a estupidez e a incapacidade de visão política e de cultura europeia; a política contra o capital prejudicou os consumidores em benefício do comércio. Curiosa a análise que Pessoa faz do povo português quando confrontado com uma revolução: tendo a mentalidade de idiotas, quer milagres e benefícios logo no dia seguinte a uma revolução. O que devia saber é que a uma revolução segue-se um período de anarquia, finda a qual é que chega, lentamente, o período das reformas. Em vários manuscritos panfletá-



Centenário da República

→

rios, intitulados **O. das B.** (Oligarquia das Beiras), Fernando Pessoa profere uma acérrima ofensiva contra Afonso Costa, apelidando-o de «salteador político», «José do Telhado de revenda», «piolho da [...] política», «um dos maiores bandidos que têm aparecido à superfície da política lusitana», «Tipo perfeito de adiantada-fome, (...) do alto cacique», «pulha, bandalho, pernicioso [?], (...) – como todos estes termos falham ante o teu [Afonso Costa] merecimento de insultos, oh hipertudo-isto!». Pessoa compara-o ao ditador monárquico João Franco: a mesma nulidade do discurso e de convicções, a mesma pequenez em talento e cultura: «Franco seria um tirano de merda; este [Afonso Costa] é um tirano de caca». Em contraponto, em doses similares, à Monarquia e à República Velha, Fernando Pessoa apologetiza a República Nova, que emerge com o Sidónio Pais, Presidente da República, «pela vontade do Destino, o direito da Força, direitos maiores que o sufrágio de empréstimo que o elegeu». Esta Repú-

ca aceitou os princípios abstractos operados pela República Velha (a abolição da Monarquia, a separação da Igreja e do Estado, a necessidade de romper com o marasmo económico), mas rejeitou os processos utilizados, porque não produziram os efeitos desejados e foram, além disso, insuficientes: «A República Velha falhou mesmo como fenómeno destrutivo: destruiu mal e destruiu por maus processos». Competia, então, à República Nova criar uma ruptura com os «tipos de mentalidade governantes», proceder à substituição das elites e passar a governar através de novos agentes políticos: substituição dos políticos de profissão pelo exército e dos bacharéis pelos comerciantes e industriais; e, na impossibilidade de eliminar os caciques, a criação de um sistema de instituições liberto da sua influência e acção, ou seja, a criação da República Presidencialista, «com inteira separação do Executivo e do Legislativo». Pessoa realça a «Maravilhosa intuição» do Presidente Sidónio Pais, que procurou apoio no exér-

cito e nas classes extra-políticas, e consolidou a República Presidencialista. A este propósito convém evocar a data de 14 de Dezembro de 1918, em que Sidónio Pais foi assassinado, pondo fim a uma esperança, quase messiânica, no conturbado mundo da política nacional. Fernando Pessoa, no poema **À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais**, escreveu:

*«Ergamos a alma, e com o infante
Sorrindo arrote,
Até que Deus o laço solte
Que prende à terra a asa que somos,
E a curva novamente volte
Ao que já fomos,
E no ar de bruma que estremece
(Clarim longínquo matinal!)
O DESEJADO enfim regressa
A Portugal!»*

Concluindo, Fernando Pessoa, ao longo da sua existência (1888-1935 – neste ano comemora-se o 75º aniversário da sua morte), escreveu os poemas da **Mensagem**,



O Souto de S. Roque, em Forjães, foi classificada entre as 7 Maravilhas de Esposende. A escolha foi divulgada a 7 de Agosto. Curiosa a opção do júri para Fão, que viu o seu centro histórico integrado nos locais premiados

Fernando Pessoa fotografado no Chiado (Lisboa)



nos quais salienta a decadência e crise nacionais – «Nem rei nem lei, nem paz nem guerra/ Define com perfil e ser/ Este fulgor baço da terra/ Que é Portugal a entristecer» – e a necessidade de uma renovação cultural e espiritual que projectasse Portugal no Mundo – «Ó Portugal, hoje és nevoeiro.../ É a hora!». Como os escritos de Pessoa são tão actuais! Como soube captar tão bem a essência da alma lusitana! Há uma marca hereditária que define a política portuguesa. Por isso, os nossos escritores criticaram, nos últimos séculos, as elites políticas. Já Eça de Queirós dizia, pela voz de Ega, em Os Maias:

«E em que bela situação nos achávamos! Sem monarquia, sem essa caterva de políticos, sem esse tortulho da inscrição, porque tudo desaparecia, estávamos novos em folha, limpos, escarolados, como se nunca tivéssemos servido. E

recomeçava-se uma história nova, um outro Portugal, um Portugal sério e inteligente, forte e decente, estudando, pensando, fazendo civilização como outrora...». «Como podia deixar de ser assim?» – interroga-se Pessoa.

Editorial



Era nas águas ainda turvas do rio que os rapazes aprendiam a nadar, em Junho já por lá andavam, empurrando-se uns aos outros para os fundos, até acertarem a cadência coordenada dos movimentos a permitir a flutuação como as rãs. Só mais tarde alguns desenvolviam a técnica de natação à «marinheiro». Nas margens,

desviados da sombra dos amieiros para apanhar o sol de fim de tarde na praia fluvial mais em terra do que em relva, lá debatiam os feitos dos que saltavam da ponte, de quem salvou uma mulher de morrer afogada na corrente da invernia, ou então, a fundura dos poços do rio. Ao secar o corpo deitavam as maleitas ao rio, «Enxuga, enxuga/ do rabo da pulga/ maleitas ao rio/ maleitas ao porto/ deixem já o meu corpo» atirando simbolicamente as sezões à água por meio de pedrinhas. E esses rapazes ainda trazem esse rio na memória.

Neste número destacamos o rio Neiva, enquanto lugar de vivências e motor da região, a sua actualidade (ver págs. 10-13). E porque se aproximam as comemorações do centenário da implantação da República em Portugal, o Forjanense tentou indagar os ecos da revolução, os protagonistas e as principais alterações vividas na

nossa terra nos tempos a seguir ao 5 de Outubro 1910. Graças ao préstimo precioso do forjanense José Armando Ferreira Faria, conseguimos trazer à estampa fotografias e documentos verdadeiramente históricos e que nos dizem do republicanismo forjanense (págs. 2-4). Ainda nos merece destaque, antes de ser lançado, o livro **Vivências I**, de Irene Margarida Lima Ribeiro, professora de algumas gerações desta terra.

Esta edição de Setembro tem ainda a honra de acolher a entrada de mais dois cronistas que seguramente vão qualificar as fileiras dos nossos colaboradores na secção de opinião, respectivamente a Sandra Queiroz e o Bernardino Silva.

E apetece dizer: «Prezado leitor, chama-se Neiva? Descubra aqui o significado do seu nome».

Cláudio Brochado

À margem

Da partilha surge a abundância. A premissa pode surgir como anacrónica para os actuais modelos de pensamento... Mas tomemos o pulso à realidade. Não uma qualquer realidade longínqua, de África ou do Médio Oriente.

Uma mãe de um filho de 3 anos trabalha num centro comercial. Entra às 10h e sai diariamente às 24 h. Quando trabalha ao domingo, não é compensada no seu ordenado, como a legislação exige. Nos dias em que necessita de ir ao médico com o filho, o tempo é-lhe descontado. Aquela criança vê vagamente a mãe de manhã, antes do pai a levar para o infantário...

Um trabalhador da construção desempenha exemplarmente as suas funções. Um dia foi despedido: «Não há trabalho. É a crise», disseram-lhe. Corre para o Centro de Emprego. Quer procurar um novo trabalho e recorrer ao apoio do Fundo de Desemprego, para o

qual descontou. E antes de ver as listas de procura desempregados, a funcionária do Centro de Emprego diz-lhe que, em seu nome, não existe qualquer desconto feito pela entidade patronal...

Em ambos os casos, os padrões não são uma entidade anónima, do estilo das multinacionais, que ninguém sabe muito bem a quem pedir contas. São pessoas que se cruzam, diariamente, com quem lhes dá o lucro. E a crise, não é de ter em conta? De que crise se está a falar? Daquelas que continuam a passar férias no estrangeiro, que continuam a aumentar os rendimentos em offshores, que exibem uma vida de luxo?

Quando fizermos a aprendizagem da partilha, reconheceremos que as crises nascem da ganância. Partilhar é gerar uma abundância feliz, porque experimentada por todos...

Mário Robalo

Direcção editorial de O FORJANENSE alarga-se

O FORJANENSE, a partir desta edição, inclui na direcção editorial o nome de Susana Costa, como directora executiva. A decisão, aprovada pela direcção da ACARF, pretende prosseguir a

renovação iniciada em Março de 2009, quando Sérgio Carvalho assumiu o cargo de director. Aos poucos, iniciou-se um processo de alargamento geográfico do conteúdo noticioso. A par das notícias da nossa terra, as páginas do jornal passaram a incluir os acontecimentos sociais e culturais do concelho e, quando se justificava, de outras terras vizinhas.

Susana Costa colabora com O FORJANENSE desde Abril passado. Neste

espaço de tempo demonstrou excelentes qualidades jornalísticas. Com profissionalismo colaborou na investigação sobre o futuro aterro da Resulima, a implantar no concelho de Barcelos, e também na excelente reportagem na Comunidade de Inserção Social, em Curvos, conjuntamente com Diana Martins.

Agora, enquanto directora executiva, a forjanense Susana Costa vai assumir a tempo inteiro a continuidade da

renovação do jornal. Paralelamente ao aprofundamento das notícias de Forjães, estará atenta à vida das freguesias do nosso concelho e do território que faz fronteira com a nossa vila. Ou seja, dar corpo a uma aposta de O FORJANENSE: tornar-se um jornal regional de referência.

Cláudio Brochado
Mário Robalo

Entrevista



Uma semana de iniciativas (27 de Setembro a 1 de Outubro) para comemorar o Dia Mundial do Mar, vai levar os jovens a percorrer trilhos e a visitar recifes. A acção, promovida pelo município esposendense e o Parque Litoral Norte, entre outras entidades, disponibilizará às Escolas uma publicação em formato digital, associada aos oceanos

João Cepa: Centro Educativo de Forjães sem data anunciada

No Dia do Município (19 de Agosto) o presidente da Câmara de Esposende queixou-se de os deputados viverem «afastados do verdadeiro sentir e dos verdadeiros problemas das populações». Em entrevista (por escrito), não assume uma data para a construção do Centro Educativo de Forjães, responsabilizando ainda «o interesse de determinados médicos» pela falta de mais um clínico no Centro de Saúde da vila.

O que leva agora a fazer publicamente este reparo à Assembleia da República (AR), sem excluir mesmo os deputados do seu partido?

Faço-o agora porque não posso admitir que os autarcas continuem a ser apresentados como os malfeitores da política em Portugal, tentando-se branquear com isso a imagem dos restantes políticos, nomeadamente dos deputados. Pode acreditar que estão mais interesses instalados na Assembleia da República do que nos 308 municípios do país.

Também não posso admitir que a Assembleia da República continue a produzir legislação que condicione fortemente o trabalho das autarquias, quando a maior parte das pessoas que lá estão nunca passaram por uma Câmara Municipal ou por uma Junta de Freguesia, ou seja, nunca tiveram de resolver os verdadeiros problemas dos cidadãos. Alguém pode admitir que os senhores deputados tenham aprovado, por exemplo, uma lei que limita os mandatos dos autarcas e que a mesma lei não se aplique aos outros cargos políticos, nomeadamente aos próprios deputados?

Ao queixar-se da AR, anota que nas Câmaras não se adquirem «submarinos por 1000 milhões de euros». Este facto, ainda não resolvido judicialmente, aconteceu num Governo de coligação PSD/PP. Está zangado com algumas posições do seu partido?

Eu não me zango com ninguém. Agora não deixo de criticar quando entendo que devo criticar, mesmo que esteja em causa o meu próprio partido. A compra destes submarinos é um dos maiores escândalos de que há memória em Portugal. É um escândalo do ponto de vista político, do ponto de vista da gestão dos recursos públicos e do ponto de vista da seriedade.

Neste processo tem responsabilidades o PSD e o PP que iniciaram o processo de aquisição, mas também tem responsabilidades o PS que se não concordasse com ele o poderia ter cancelado. É inadmissível que numa altura em que se pedem tantos sacrifícios aos portugueses, em que há centenas de milhares de pessoas sem emprego, em que o país ainda tem grandes carências ao nível dos equipamentos básicos (ensino,

saúde, etc), se gaste uma verdadeira fortuna em dois submarinos que ninguém sabe para que vão servir.

Também seria muito bom que esta compra fosse profundamente investigada, doa a quem doer.

Quando afirmou: «Estão na forja novas leis de ataque à autonomia do Poder Local», por parte da AR, quis dizer que tem conhecimento de alguma legislação que esteja a ser preparada nesse sentido?

Tenho conhecimento porque o Governo já a enviou à Associação Nacional de Municípios para que a mesma se pronunciasse. É mais um cerrado ataque à autonomia do Poder Local. Qualquer dia um Presidente de Câmara vai ter de pedir autorização ao Governo até para comprar uma simples esferográfica. Aliás, querem que um Presidente de Câmara perca o mandato para o qual foi eleito democraticamente pelo povo se autorizar a compra de uma esferográfica sem que a mesma esteja devidamente cabimentada.

No Dia do Município, assumiu que, apesar de o município de Esposende não estar falido, serão necessárias «medidas de forte contenção», sublinhando: «Seremos obrigados a reduzir nos recursos humanos, nas actividades, nos serviços, nos subsídios, etc.». Significa que poderá dispensar funcionários municipais, fazer desaparecer alguns serviços prestados aos municípios e acabar com apoios financeiros as instituições?

Tudo depende de como a situação financeira evoluir. Não tenho a menor dúvida de que as autarquias nunca mais poderão investir como investiram, nunca mais poderão apoiar as instituições como apoiavam e possivelmente terão de reduzir os serviços que prestam aos municípios a que estão obrigados por lei.

Em Esposende vamos tentar adiar ao máximo o impacto negativo no investimento e no apoio às instituições. Para já a estratégia passa por reduzir os encargos fixos, nomeadamente com recursos humanos. Os municípios terão de perceber que reduzindo o pessoal da Autarquia seremos obrigados também a reduzir o número de serviços prestados.

tura está pronto, estando a ser ultimados os projectos das especialidades.

No próximo mês de Outubro, dará entrada a candidatura do centro escolar a fundos comunitários, no âmbito do QREN.

Após aprovação da candidatura, nomeadamente pela CCDR (Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional), de imediato se dará início a todo o processo para a construção do centro escolar.

Isto já o foi confirmado publicamente pelo sr. Presidente da Câmara. De quem esta Junta tem total apoio, e que se fosse uma obra a ser construída apenas com fundos autárquicos, já estaria em fase de construção.

O forjanense António Casal Martins foi condecorado no Dia do Município



Entretanto, anunciou iniciativas. Entre elas o Centro de Educação Ambiental que, como sublinhou, «será uma referência a nível regional». Além da sua importância ao nível escolar, também poderá incluir componentes lúdicas e de investigação?

A principal valência deste novo equipamento será sem dúvida o apoio à educação e sensibilização ambiental, em todas as faixas etárias, mas obviamente que gostaríamos de poder alargar essas valências, nomeadamente à investigação e também à promoção turística.

A construção do Centro de Segurança Pública passa por um equipamento de âmbito mais alargado, além da instalação de uma força de segurança?

Inicialmente a nossa intenção era criar um equipamento que albergasse para além da Guarda Nacional Republicana, também o Gabinete Municipal de Protecção Civil e uma Escola de Trânsito. Infelizmente a verba disponibilizada no âmbito do QREN não é suficiente e por isso o equipamento limitar-se-á, nesta fase, a albergar a GNR. Digo nesta fase porque haverá sempre a possibilidade de mais tarde ser ampliado, aumentando as suas valências.

O Parque Empresarial, com vista à deslocalização de micro e pequenas empresas, em que zona do concelho será localizado? E que critérios serão estabelecidos para levar as empresas à deslocalização? Não poderão temer os empresários que a saída dos espaços tradicionais leve à perda de clientes?

Este Parque Empresarial será construído no âmbito do Programa URBI-Esposende e destina-se a receber micro e pequenas empresas do concelho que neste momento funcionam em instalações precárias. Uma vez que representará um investimento tivemos de evitar a aquisição de terrenos para o efeito, e assim o parque será criado num terreno que já era da Autarquia e que se localiza junto à EN 305-1, no limite entre as freguesias de Curvos e Vila Chã. A deslocalização das empresas para este parque será opcional, pelo que se um empresário entender que a saída do seu espaço tradicional lhe causará prejuízos, simplesmente não

José Manuel Neiva, membro da Assembleia de Freguesia pelo PS

Após as eleições, as promessas são rapidamente esquecidas. O exemplo mais actual será a construção do centro educativo. O jardim-de-infância foi atirado para o caixote do lixo, preterido por tão apregoada obra, uma das bandeiras da campanha eleitoral. Estaria concluída em 2011, todavia continuamos a aguardar atentamente o aparecimento do projecto. A oposição continua à espera de um resposta da Junta de Freguesia, para que possamos dispor

faz a deslocalização.

Anunciou, até final do ano, «mais dois centros educativos», além do de Fão. Um deles será o de Forjães? Em caso de confirmação, em que data está previsto o lançamento da obra?

O que anunciei foi que até final do ano apresentaríamos a candidatura para a construção de mais dois Centros Educativos. Um deles será o de Forjães e o segundo ainda está condicionado pela disponibilidade de terrenos. Como o processo, até ao início das obras, ainda tem que passar por entidades externas, não dependendo só da Câmara Municipal, prefiro não apontar datas para o seu início. O que posso assegurar é que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para que a construção destes equipamentos educativos se inicie o mais rapidamente possível.

A extensão de Forjães do Centro de Saúde de Esposende, como sabe, está com menos um médico de Família. As pessoas que não estão inscritas em nenhum dos dois médicos que ali prestam serviço, têm de se deslocar a Esposende para as consultas. Neste caso, encontram-se pessoas com problemas graves de saúde e de avançada idade. Que pensa o presidente da Câmara sobre esta situação?

Antes de mais pensa que a política de saúde seguida por este Governo tem sido desastrosa. Elegeu-se claramente como prioridade o corte nas despesas, relegando para segundo plano as necessidades dos doentes. Isto apesar de os cortes nas despesas se registarem somente ao nível da contratação de médicos e enfermeiros e da aquisição de medicamentos, porque as administrações dos hospitais continuam a renovar as frotas automóveis.

No caso concreto de Forjães talvez o problema se resolva se alguém com responsabilidades impuser que o interesse dos utentes deve estar à frente do interesse de determinados médicos. Mesmo não tendo competências neste domínio, a Câmara Municipal tem acompanhado o problema junto da ACES Cávado II, disponibilizando-se para cooperar na resolução do mesmo.

de todos os elementos, que nos permitam compreender os prazos e os modelos de financiamento e de execução previstos. Nos últimos tempos, temos assistido a uma total inércia, a uma falta de criatividade e talvez alguma falta de vontade, por parte dos responsáveis autárquicos.

Informamos que em 11/02/2010 terminou uma candidatura no QREN para requalificação da rede escolar do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Não foi apresentada nenhuma candidatura para o Centro Educativo de Forjães. Por esquecimento ou por desconhecimento? Curiosamente, na internet este procedimento está ao alcance de qualquer cidadão.

opinião

José Henrique Brito, presidente da Junta de Forjães

Assumi esta Junta de Freguesia a construção de um Centro Educativo em detrimento de um novo Jardim de Infância.

Ao optarmos pelo centro escolar estávamos conscientes do atraso que tal opção acarretava.

Dissemos e continuamos confiantes na sua construção no próximo ano.

Neste momento o projecto de arquitec-

Comunidade paroquial



INVENIRE é a revista cultural da Igreja Católica portuguesa, que será lançada a 6 de Outubro. A iniciativa pretende divulgar os bens culturais da Igreja. O número de estreia inclui um ensaio sobre marfins e o projecto «Rotas das Catedrais», desenvolvido conjuntamente com o Ministério da Cultura

Reaprender a ser pais

Os filhos não se compram. Dar-lhes tudo não chega. Amam-se com gestos concretos

O filho adoecera de repente. Até aí saudável, não encontrava razões para a súbita situação. Internado de urgência, os médicos tiveram alguma dificuldade em diagnosticar-lhe a doença. Repetidas vezes perguntaram aos pais do jovem algum antecedente que os pudesse ajudar. Finalmente, uma médica descobriu a razão de ser daquela súbita doença: o jovem tinha desistido de viver. Há tempos que não se alimentava convenientemente e não dormia. As resistências foram diminuindo até à prostração. Porque é que este jovem desistiu de viver? Os pais vivem bem, com uma situação social média-alta. Dão tudo, materialmente falando, o que o filho pede. O jovem tem tudo e mais alguma coisa. Os pais têm neste filho um orgulho especial, pois sempre foi obediente, bom estudante, com um comportamento exemplar. O que falou então?

Este jovem confessou à médica que a sua vida era uma mentira. Era bem comportado, mas gostava de ser como os outros, fazer as mesmas experiências. Tinha por parte dos pais todo o dinheiro que pedia, todos os cuidados com a alimentação e vestuário. Em vez de andar bem vestido, porque não andar com calças rotas ou fora

de medida para o seu tamanho? Investiu tudo no curso superior, para alegria dos pais. Mas porque não sair à noite com amigos, namorar sem compromisso com todas as raparigas com quem se cruzava?

Uma parte importante das razões do jovem foi mesmo arrancada a ferros pela médica. Por entre algumas lágrimas, acabou por confessar: «Porque é que os meus pais não param de me dar coisas e mais coisas? Porque é que nunca me deram o que eu mais precisava: o seu carinho e o seu amor. Acredito que gostem muito de mim, que até dariam a vida por mim, mas estou cansado de ser trado com bebé... Estou cansado de ser bom filho, estudante exemplar, jovem bem comportado...»

A médica pôs os pais do jovem ao corrente da situação. Ficaram profundamente chocados. Na melhor das intenções, deram tudo o que estava ao seu alcance ao filho. Esqueceram-se, no entanto, do principal: de amar o filho. Dar tudo aos filhos é uma grande prova de amor. Mas não chega. São precisos gestos concretos de carinho, de diálogo, de interesse pelas coisas dos filhos, não os privar do do convívio com os jovens da sua idade, de lhes expressar confiança. Os filhos não se compram, amam-se. Precisam que os pais, ao longo do tempo, os preparem para a vida, educando-os para a cidadania. Estes pais reaprenderam, com muito esforço, a ser pais. O filho começou a compreender quanto era privilegiado com tudo o que os pais lhe davam. Aprendeu, também, a amá-los.

Voz Portucalense

Recomeçar

Na vida deparamo-nos com desaires que destroem os sonhos... olhem o exemplo das aves

Mário Salgueirinho



O segredo das vitórias está na perseverança audaz. A vida oferece-nos tantas vezes derrotas desanimadoras, mas, se olharmos a natureza, encontramos na vida dos pássaros um exemplo de perseverança.

Observemos a lição das aves perante a adversidade. Gastam dias a construir o seu ninho. Com que entusiasmo buscam materiais em locais distantes. Partem cantando em busca de materiais apropriados: pedacitos de ramos secos, de palha, de penas. Sempre com um entusiasmo indescritível. Mas, quando o ninho fica quase pronto para acolher os ovos, um temporal imprevisto ou um animal ou uma criança ignorante desfazem a pequenina construção de amor.

Mas os pássaros não desistem. Recomeçam a faina de construção, sempre cantando num canto de entusiasmo e de esperança, num vaivém incansável, para realizarem seu sonho. E o ninho surge e recebe os primeiros ovos. Muitas vezes, porém, algo inesperado volta a destruir aquele sonho...

Dói recomeçar do zero, mas mais uma vez aqueles pássaros não desistem. Recomeçam cantando. Pouco a pouco, pacientemente, vão construindo novo ninho para colocar os ovos e acalentar os seus filhotes.

Na nossa vida deparamo-nos algumas vezes com desaires que nos prostram e nos desanimam, que destroem nossos sonhos e projectos. Quantos golpes atiram por terra o nosso emprego, a nossa saúde, os nossos empreendimentos, as nossas realizações. Quantas vezes teremos pensado e dito: «Basta!». Mas a lição de perseverança das aves ensina-nos a recomeçar uma vez, duas vezes ou mais, até conseguirmos reconstruir os nossos sonhos – pessoais ou da nossa família.

Dói imenso ter de recomeçar, de renovar tantos sacrifícios, tanto trabalho, tantas lutas, tantas lágrimas. Mas recomeçando com entusiasmo, com a ajuda dos homens e de Deus, alcançaremos a alegria da vitória e da felicidade.

Baptismos

17/07 – Maria Barros Losa Faria, filha de Rui António Moreira Losa Faria e de Inês Pinto Pereira de Barros.

17/07 – Manuel Barros Losa Faria, filho de Rui António Moreira Losa Faria e de Inês Pinto Pereira de Barros

01/08 – Mariana Gomes de Sá Reis, filha de José Manuel Gemelgo Reis e de Sara Cristina Gomes de Sá.

08/08 – Elanie Dias Pontes, filha de António Manuel Amorim Pontes e de Maria Elisabete Ramos Dias Pontes.

14/08 – Núria Azevedo César, filha de Armando Augusto Sá César

e de Maria Cândida Matos Azevedo.

21/08 – Lara Viana Carvalho, filha de Fernando Manuel Carvalho dos Santos e de Maria do Céu Viana Machado.

21/08 – Lucas Gonçalves de Carvalho, filho de Orlando Baptista e de Rosimeire Pereira Gonçalves.

22/08 – Pedro Miguel Anjo Novo, filho de Francisco Manuel Sampaio Novo e de Sameiro do Nascimento Alves Esteves Novo.

28/08 – Francisco Sá Pinto, filho de Francisco Nuno Barros Sá Pinto e de Maria Goreti Dias Sá.

Matrimónios

03/07 – Rui Miguel Gonçalves

da Costa e Diana Isabel Carvalho Pereira, ele, de Deocriste, ela, de Forjães.

31/07 – Edgar da Costa Alves e Anabela Eiras Cachada, ambos de Forjães.

31/07 – Nuno Filipe Marques Gonçalves e Raquel Andreia Lima de Almeida, ele, de Amorim, Póvoa de Varzim, ela, de Forjães.

07/08 – Márcio José Félix Melo e Ana Paula de Sá Razão Matos, ele, de Aldreu, Barcelos e ela, de Forjães

14/08 – João da Lomba Menezes e Charlene Eminente, ele, de Arles, França, e ela, de Cornillon-Confoux, França.

15/08 – Luís Filipe Vieira Dias e Cristina do Casal Laranjeira, am-

bos de Seine-et-Marne, França.

21/08 – David Salgueiro Carones e Maria do Sameiro Azeredo Pereira, ambos de Forjães.

04/09 – Paulo Lopes Lago de Carvalho e Susana Lages Correia, ele, de Paranhos, Porto, ela, de Forjães

04/09 – Ricardo Alexandre Alves de Carvalho e Fernanda Isabel Casal Sinaré, ele, de Palme, Barcelos, ela, de Forjães.

Óbitos

03/07 – Rosa Lomba Fernandes Alves, com 71 anos de idade, residente no Lar de S.to António, Forjães.

27/07 – Cesaltina da Cruz Martins, com 83 anos de idade e resi-

dente no Largo do Souto S. Roque 31/07 – Carminda Teixeira Tomaz, com 85 anos de idade, residente na Rua da Aldeia.

03/08 – Maria Adelaide Lima Torres, com 81 anos de idade, residente na Rua Padre Torres

24/08 – Maria Alves Martins Pereira Torres, com 76 anos de idade, residente na Rua Cimo de Vila.

26/08 – Zulmira Rodrigues da Silva, com 92 anos de idade, residente na Rua de S. Roque.

27/08 – Maria Alice de Passos Martins Ribeiro, com 59 anos de idade, residente na Rua dos Barreiros.

Caminhos

A bondade humana



O texto sobre o «juízo final», de Mateus (25, 31-46), no qual a humanidade se interroga sobre a bondade para com os «mais pequeninos», é-nos proposto para reflexão pela comunidade ecuménica de Taizé

As representações muito dramáticas do Renascimento, tal como os tímpanos das grandes igrejas românicas, influenciam fortemente a concepção que podemos fazer do juízo final, com Cristo como juiz, segurando numa balança para pesar as boas e as más acções dos seres humanos.

Se este texto retoma a ideia tradicional da recompensa das acções e do estabelecimento de uma nova ordem, mais justa, indica também que não se trata em primeiro lugar de uma questão de mérito quantificável. Tanto as pessoas que estão à direita como as que estão à esquerda ficam surpreendidas com aquilo que lhes é anunciado e partilhado. A entrada na comunhão com Cristo é, em primeiro lugar, a consequência de uma bênção recebida do Pai, cujas boas acções são o sinal. As pessoas à direita de Cristo dão a impressão de ter agido quase espontanea-

mente perante o apelo urgente que constituía para eles o ser humano a precisar de ajuda.

Já no Antigo Testamento se constata que Deus recompensa os benefícios dados aos pobres (Provérbios 19,17) ou que se identifica com o seu povo (Zacarias 2,12). Mas, aqui, a identificação é mais universal e mais total: «nos seus irmãos mais pequeninos», é o próprio Cristo como juiz que está presente. As marcas de Cristo deixam-se agora discernir no rosto de cada homem, mulher ou criança que sofre. O sofrimento humano não é menos real, nem menos pe-

sado para cada um, mas encontra-se transfigurado.

Aliviar o sofrimento dos outros e receber em herança a vida eterna é o verdadeiro destino do homem. É «o Reino que vos está preparado», diz Cristo àqueles que se encontram à sua direita. Os outros, fechados numa atitude de rejeição, são levados àquele que não lhes estava destinado, onde tudo o que pensam ter acumulado vai partir em fumo. É pela atenção aos nossos irmãos que sofrem que atingimos o nosso verdadeiro fim, a vida eterna que nos foi preparada «desde a criação do mundo».



Livro

Retratos de Forjães

Uma biografia familiar, leva Irene Margarida Lima Ribeiro a percorrer os momentos e as personagens mais significativas de Forjães. Ricardo Brochado leu «Vivências I», que ainda inclui algumas crónicas publicadas neste jornal

Irene Margarida de Faria Cândido Ferreira de Lima Ribeiro, conhecida dos forjanenses, quer pelo papel de professora primária nas Escolas Rodrigues de Faria, quer como cronista em **A Voz de Forjães** e em **O FORJANENSE**, apresenta uma colectânea de textos que revelam as suas qualidades de escritora nos mais variados temas e formas estilísticas. Ao longo de quase 200 páginas, divididas em sete capítulos, reafirma a sua capacidade como excelente cronista, como já nos tinha habituado naquelas duas publicações.

A história local fica enriquecida com os capítulos «História do ensino de Forjães» em que se revisitam os locais que serviram como escola

e os pedagogos que, desde o século XIX, contribuíram para a alfabetização da comunidade forjanense. Naqueles capítulos, recorda-se um conjunto de professores dedicados. Um dos exemplos que a autora destaca é a professora Albina da Silva Vilaverde, agraciada com a medalha de Cavaleira da Ordem da Instrução, na década de 40, do século XX. O resultado da qualidade destes professores está magistralmente descrito numa frase: «Desde sempre os alunos da escola de Forjães brilharam nos exames». Não foram esquecidas, naturalmente, a fundação da Escola Rodrigues



Maria Jovita Vilaverde Alves de Faria e Luís Gonzaga Cândido Ferreira, pais da autora

de Faria, e o seu benemérito, bem como a Cantina Escolar, doada por Marcelino de Queiroz.

A sua árvore genealógica desenha-se através de biografias dos seus antepassados, que muito auxiliaram na pesquisa elaborada por este jornal sobre a República (**ver textos págs. 2 e 3**). «É aqui nesta

velha casa secular onde o passado me fala e o torna presente, onde tento vivê-lo, agarrá-lo, não o deixar fugir. Ele é penetrante, cheio de significado, faz parte de mim e eu já não posso viver sem ele». A frase escrita na abertura do capítulo (dividido em oito partes) dedicado às «Memórias de família» é bem significativa do valor memorial que os antepassados têm para a autora. E a Casa do Matinho, onde nasceu, merece naturalmente destaque.

Recordam-se ainda algumas pessoas queridas da autora, bem como da comunidade forjanense, destacando-se a emocionante biografia e história do Emílio, que pela sua humanidade e personalidade «sui generis» não deixou ninguém indiferente. A poesia também está presente, compreendendo o espaço temporal iniciado na juventude da autora, nos anos 50 do século passado, até aos dias de hoje.

A obra completa-se com uma série de crónicas (algumas já publicadas neste jornal) que versam desde a Religião, Fé e Preceitos; Assuntos Vários e Como Devemos Tratar os Animais.

Comentário

Há cerca de uma década que é cronista de O FORJANENSE. A professora Irene Margarida lança agora o seu primeiro livro. **Vivências I** sublinha o talento que todos nós já lhe reconhecíamos.

Ensinou inúmeros forjanenses nos bancos da Escola Primária. E é precisamente com a «História do Ensino em Forjães» que a escritora abre o seu livro, recordando o primeiro professor, Francisco Dias de Sá, que, na segunda metade do século XIX, leccionava na «Escola do Manca». Deste seu livro merecem destaque os emocionantes capítulos dedicados à memória da sua família. Agora, ficamos na expectativa de novas crónicas neste jornal.

Mário Robalo

Humildemente campeões

Os atletas de Gemeses classificam-se internacionalmente entre os melhores. O município de Esposende homenageou, em Agosto, o seu clube pelos 25 anos de vida

Teresa Portela, é a atleta mais premiada até hoje, do Grupo Cultural Desportivo e Recreativo de Gemeses (GCDRG) Gemeses. O último troféu recebeu-o em Agosto passado, obtendo o melhor resultado nacional de sempre em canoagem, num campeonato do mundo.

A atleta chegou a fazer dois treinos por dia. Levantava-se às seis horas para treinar antes das aulas e, no final, voltava criteriosamente a praticar. Tanto empenho fez com que, entre 1996 e 2008 arrecadou 43 títulos de campeã nacional. Hoje continua a ser detentora deste título. A nível internacional, entre campeonatos da Europa e campeonatos do mundo, já arrecadou nove medalhas. Teresa (22 anos) que começou na modalidade aos nove anos, iniciou-se, logo, a ganhar prémios. Por todas as categorias por que passou, venceu sempre. Conta já com uma participação nos Jogos Olímpicos em Beijing (República Popular da China), em 2008, onde atingiu o significativo 13º lugar, tendo em conta o número de participantes.

Em 1984, o GCDRG nascia da vontade de um grupo de amigos. E a canoagem encontrava-se então, paralelamente com o futebol, entre as primeiras iniciativas da associação. O tempo, porém, fez com que a canoagem fosse a única subsistente até aos dias de hoje. Nos anos 90, do século passado, surgiram ainda o futsal e a columbofilia, mas não resistiram a uma vontade mais forte – a de levar o nome de Gemeses mais longe na modalidade aquática.

Actualmente, os encargos anuais da



Teresa Portela: a atleta olímpica já arrecadou mais de meia centena de títulos nacionais e internacionais



João Ribeiro: campeão da Europa e vice-campeão do mundo, prepara-se para os Jogos Olímpicos de Londres

Em nome de Gemeses

Armando Martins assumiu o cargo há cerca de quatro anos. «Por amor à terra e num acto de total dedicação aos atletas», abraçou a cabeceira daquela instituição que vive dos sucessivos prémios nacionais e internacionais, que ao longo dos anos tem vindo a arrecadar. O reconhecimento da actividade veio em... com a distinção do Prémio de Personalidade do Ano, atribuído....

Agora, Armando Martins tem em mãos um projecto em estudo para a construção de uma nova sede. A actual mostra-se insuficiente para as necessidades. Para isso, o clube conta com o apoio da CME, que cedeu o edifício onde quase não há espaço para guardar os kayak...

associação rondam cerca 40 mil euros. O município esposendense e a Junta de Freguesia de Gemeses participam com cerca de 50 por cento. O valor restante, anota o presidente do GCDRG, Armando Martins, «vai-se angariando aqui e ali, em actos de criatividade e muita disponibilidade por parte dos atletas, direcção, amigos e familiares».

Cada kayak (cano de competição), para um só desportista, custa quase dois mil euros, e cada um dos 60 atletas do clube tem de ter o seu. As deslocações dentro e fora do país, bem como o transporte e manutenção dos materiais, acarretam uma despesa difícil de suportar. Mas Armando Martins diz que, depois de mais de vinte e cinco anos de existência, não é motivo para desistir. «Ao mesmo tempo, não é fácil arranjar patrocinadores quando falamos

de uma terra pequena como Gemeses, onde não existem indústrias e quando o grupo, apesar de amplamente premiado e já com largos anos de vida, não ter tido ainda grande reconhecimento público».

Entre os atletas, o GCDRG conta com elementos de várias localidades – «chegam a vir de Creixomil de bicicleta, cerca de seis quilómetros, tal é a motivação», refere Armando Martins. E as idades dos atletas, recorda ainda o presidente da associação, «situam-se entre os oito anos até à idade em que as forças começam a faltar». A motivação, sempre ressaltada, é posta à prova no primeiro Inverno de cada atleta. «O Verão é normalmente a época em que novos elementos nos procuram, mas o Inverno seguinte é que vai fazer a selecção dos atletas que querem, de facto, permanecer na modalidade», sublinha Armando Martins.

Na sede, cuja fachada está voltada para o Cávado, existe sempre um treinador, para que os atletas possam conjugar os seus horários com os treinos. É com esta permanência que Teresa Portela e João Ribeiro contam todos os dias. Ambos atingiram o pódio, este ano, de campeões europeus de canoagem de sub-23. Ele, em conjunto com Fernando Pimenta, do Clube Náutico de Ponte de Lima, consagrou-se naquela modalidade, tendo também sido vice-campeões do mundo de séniores em regata em linha, atingindo o melhor resultado português de sempre. João Ribeiro, natural de Palmeira de Faro, é outra referência do mundo da canoagem. Desde os 12 anos, pratica esta modalidade e o seu esforço tem vindo a ser reconhecido com a atribuição de várias medalhas. Neste momento, prepara-se para a qualificação dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012.

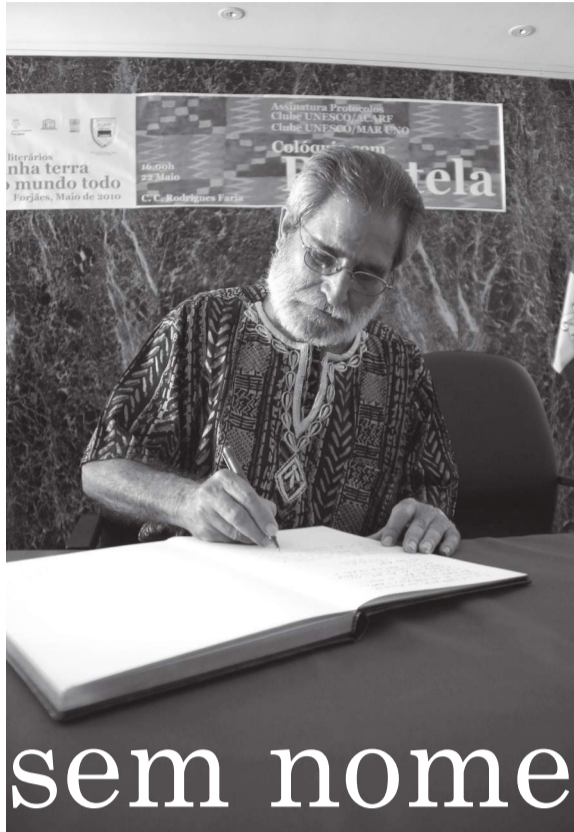
Em 2009, o clube recebeu o Prémio de Mérito Desportivo «Personalidade do ano», atribuído pela Confederação do Desporto de Portugal, sob proposta da Federação Portuguesa de Canoagem. Os troféus não os envaideceram: «O único prémio, para nós é o prestígio...», assume Armando Martins.

Susana Costa



ACARF / Local

O escritor angolano Pepetela, primeiro convidado dos Encontros Literários, uma parceria da ACARF-MAR UNO, aceitou o convite das duas instituições para escrever um texto, no qual traduz a sua «gratidão como todos nos receberam em Forjães, cuja recordação guardamos com muito carinho». Em Maio, Pepetela deixou a «marca» da sua mão que ficará gravada na Parede dos Famosos, na Junta de Freguesia de Forjães



Mãos sem nome

Alguns arquitectos ou chefes de obras que construíram as pirâmides do Egipto têm nome conhecido. Também os faraós

que lhes encomendaram. Mas ninguém conhece o nome de um só operário ou carregador de pedras, ou talhador, escravo ou

semi-escravo, cujas mãos construíram de facto os monumentos que ainda hoje admiramos. E foram muitos milhões a trabalhar ao sol sufocante do deserto, durante decénios, até morrerem de exaustão e marcados pelo chicote no dorso. Desses desgraçados a História não guardou o nome.

Da mesma maneira, poucos serão os trabalhadores e camponeses, durante gerações moldando os socacos das vertentes do Douro, que deixaram nome na História. Gerações de milhares de mãos, carregando terra, arrancando pedras, cavando, alisando, para fazer a paisagem encantadora que nos acalma e que permite a produção de um néctar dos deuses. Lembraremos algum nome? Apenas de uns donos importantes de vinhas ou do homem que introduziu uma lei defendendo o negócio.

Agostinho Neto, poeta angolano, tem um verso que diz: «As minhas mãos puseram pedras nos alicerces do mundo...» Referia-se nesse poema aos escravos africanos, espalhados pela diáspora, e que ajudaram a criar novas civilizações e a construir a riqueza que até hoje nos domina. Mas esse verso pode ser lido com maior amplitude para todos aqueles, camponeses ou trabalhadores de outros mesteres, que alimentaram e fizeram crescer a hu-

manidade. Que mereceriam também o seu pedaço de pão, tantas vezes negado. De facto, a História só reconhece as mãos de alguns, os poderosos.

Algumas excepções se referem às mãos de intelectuais e artistas, os quais compuseram música dedilhando liras ou tocando piano, modelaram o gesso ou o mármore, escreveram obras importantes, pintaram telas imortais, redigiram tratados filosóficos e jurídicos, descobriram ciência com experiências de laboratório ou desenhando números. Algumas dessas mãos ultrapassaram a finitude do tempo e hoje têm nome reconhecido. Mas nesse campo mesmo, quantas foram importantes na descoberta do conhecimento ou no aperfeiçoamento das artes, e acabaram incógnitas nos dias de hoje?

Há muitas mãos que constroem, poucas ficam conhecidas. Que importa? O importante é continuar construindo, riqueza material ou riqueza espiritual, plantações ou ideias. «Criar/ Criar/ Criar com os olhos secos», como escreveu mais uma vez Agostinho Neto.

Pepetela
26 de Junho 2010

A festa do Ténis em Forjães

Mais de meia centena de desportistas participaram no «Torneio de Ténis - ACARF OPEN VERÃO 2010», que se realizou entre os dias 19 e 31 de Julho, no campo de ténis do Forjães Sport Clube.

Foi o primeiro torneio organizado com «Prize Money» nos escalões Seniores Masculino e Seniores Feminino. A competição esteve aberta também à categoria de Sub-15. Os vencedores foram Hugo Fernandes, na categoria de Sénior Masculino, e Sónia Viana, na classe homóloga feminina, que disputou com a forjanense Sandra Azeredo.

O tenista Tomás Barbosa, das Marinhas, alcançou a vitória na classe dos Sub-15, numa competição com José Carlos, de Viana do Castelo.

O ACARF OPEN VERÃO 2010, que foi acompanhado pela Rádio Esposende, teve o apoio do município esposendense, da autarquia de Forjães e da EBI.

Novo ano lectivo: os desafios que se colocam



Luís Pedro Ribeiro

Está a iniciar mais um ano lectivo, recomeça a azáfama dos pais, professores, funcionários e alunos.

Vão surgir os contratempos habituais, a falta de um livro, um professor que ainda

não foi colocado, problemas no transporte escolar, mas neste ano lectivo que inicia, o nosso Agrupamento de Escolas vai confrontar-se com dois problemas mais sérios: aumento da indisciplina dos alunos nas sala de aula e recintos escolares, e o possível «fecho da Escola EBI», entenda-se como fecho a transferência do ensino secundário para outras Escolas.

Quanto ao primeiro problema, a indisciplina, é nosso dever como pais, educar da melhor forma os nossos filhos, para que estes aprendam a comportar-se perante a sociedade, mas acontece que alguns pais alheiam-se dessas funções, o que está a originar o surgimento cada vez mais de casos de indisciplina nas Escolas.

Relativamente ao segundo, esta Associação de Pais, fará tudo o que for possível, para que a EBI não perca o Ensino Secundário. É claro que para isso vai ser necessário que todos trabalhem na mesma direcção, já foi dito que esta situação é o resultado de

actos mal programados do poder político no passado, mas também de algum adormecimento do próprio Agrupamento, porque os pais querem sempre o melhor para os seus filhos, daí que procurem as escolas melhores, que lhes proporcionem mais garantias ao nível do ensino, que tenham um vasto leque de escolhas, e neste ponto acho que o nosso Agrupamento pode e deveria ter uma oferta mais ampla.

É por estas e outras razões, que peço aos pais que participem mais nas decisões da escola dos vossos filhos, comparecendo por isso às reuniões e Assembleias de Pais, pois é nestas que se resolvem os problemas e os pais expressam as suas opiniões.

Desejo, por isso, muitas felicidades a todos aqueles que iniciam mais um ano lectivo e cumprimentos a todos os pais e encarregados de Educação.

Carlos Orestes
Presidente da Ass. de Pais do
Agrupamento das Escolas
Terras do Baixo Neiva

Agradecimento

A Biblioteca da ACARF ficou mais engrandecida com a oferta de livros por parte do Major José da Costa Vilaça, bem como do Padre Fernando de Azevedo Abreu - **Víctor, nosso herói e mártir** -, e de Rui Azevedo Abreu - **10 anos sobre rodas**.

AGRADECIMENTO



Maria Alves Martins Pereira
Torres

Nasceu: 08/08/1934
Faleceu: 24/08/2010

A família agradece as manifestações de solidariedade de todos quanto os acompanharam em momento tão doloroso. Obrigado.

O Nosso amor nunca deixará de viver Descansa em paz...

Para a minha companheira

Para a nossa Mãe

Para a nossa Avó

Para a nossa Amiga

Que merece as estrelas, o céu e muito mais...

Ficarás sempre nos nossos corações.
Teu marido, filhos, netos genro e noras



14º GRANDE PRÉMIO CARRINHOS DE ROLAMENTOS
FORJAES.SÁBADO.25 DE SETEMBRO

Na Rua do Vau, dia 25 Set., pelas 14h, a ACARF e os Escuteiros de Forjães organizam a corrida mais louca do ano

Inscrições: 253872385 ou até à hora da largada

Uso obrigatório de equipamento de segurança

Publicidade

AUTO DETALHE

MANUTENÇÃO DE FROTAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMPRESAS
CONSULTE-NOS

mecânica	revisões gerais rectificação de discos e eixos de travões	electricidade	sistema eléctrico rádio / auto rádio / sons	ar condicionado	aberturas anterior e apical de carregamento e reciclagem DESCRIÇÃO HORAS PARA OBRAS
chaparia	banco de alinhamento de chassis	pneus	vergo, acolagem, calibragem		
pintura	estufas de pintura alugação de cor computadorizada	manutenção	limpeza de interiores e exteriores alugação de colofos		

Rua dos Barreiros, 164 - 4740-439 Forjães - Esposende
Tel. 253 877600 / 253 877 601 Fax 253 877 602 - Tlm. 965 017 006

O TEAR

- TÊXTEIS LAR COELIMA E OUTRAS
- LINGERIE TRIUMPH, SLOGGI, SIMEL
- TUDO EM ROUPAS INTERIORES, MEIAS E COLLANTS
- PERFUMES VÁRIAS MARCAS
- PEÇAS DECORATIVAS E UTILITÁRIAS
- LINHOS, LOUÇAS DE VIANA, CRISTAIS, ETC

REPRESENTANTE DAS MARCAS TRIUMPH, SLOGGI, E COELIMA

RUA DE PINHEIRO Nº 163, S.ROQUE
FORJÃES Telefone: 253872699

Confeitaria **marbela** BOMBONARIA

ARTE EM DOCE

ESPECIALIDADES DA CASA E REGIONAIS

QUALIDADE • TRADIÇÃO • INOVAÇÃO

Rua 1.º de Dezembro, 71 • Telefone 253963274 • 4740-226 ESPOSENDE

CONFETARIA PRIMOROSA:
Praça do Município, 7 • Telefone 253961563 • 4740-223 ESPOSENDE

de José Manuel da Cruz Torres

ALTA MIRA
Moda Jovem

Visite-nos

Qualidade invejável - Preços imbatíveis

Boucinho - Forjães - Tel - 253 87 16 87

CAFÉ NOVO

de Domingos T. Cruz

- Café Snack Bar
- Distribuidor PANRICO
- Agente Totoloto - Totobola - Joker- Euromilhões

Rua 30 de Junho - 4740 Forjães
253 87 21 46

Hélder Vieira
tel. 984 367 772 | 911 122 171

carnes paladino

Rua Horácio de Queirós
Loja 126 | 4740-444 | Forjães | ESP

SANILUZ
energias renováveis

- Energia solar fotovoltaica
- Energia solar térmica
- Energia geotérmica
- Energia aerotérmica

Rua da Corujeira, n.º470, Forjães
4740-442 - Esposende
Tel. / Fax: 253 877 135
e-mail: saniluz@gmail.com

PSA
Padaria e Pastelaria S4

de Francisco Sá

Fabrico diário de todo o tipo de pão; pizzas; bolos de aniversário e casamento; pastelaria sortida e doce regional

Rua da Calça, n.º 74 - Forjães
Telefone: 253 87 15 94

O FORJANENSE

25 ANOS É MUITO TEMPO,
MUITAS NOTÍCIAS E...
MUITAS LEITURAS

DIVULGUE O JORNAL DA NOSSA
TERRA

CASA PEREIRA
Tel - 253 87 17 19

Drogas - Ferragens, etc
Tudo para Casa e Jardim
Venda de árvores de fruto

Instituto Português da Juventude

Rua Santa Margarida, 6
4700 Braga

Tel. 253 204250 // Fax 253 204259

Com o apoio: Programa de Apoio as Associações Juvenis (PAAJ)
email: ipj.braga@mail.telepac.pt //http.wwwsejuventude.pt

Destaque

Estende-se por Forjães em mais de três quilómetros. Com o rio Neiva visitam-nos meia dúzia d

Neiva rio património

Cláudio Brochado

Nasce em Godinhaços, nuns charcos na encosta da serra de Oural e desagua 45 quilómetros depois na praia de Guilheta, entre S. Paio e o Castelo». A descrição, dita a qualquer habitante de Forjães em forma de adivinha, facilmente alcança resposta: o Rio Neiva.

O rio corre transversal ao território forjanense, funcionando como uma barreira, a norte, das terras da freguesia, mas é um rio próximo e foi, durante muito tempo, um rio procurado. Tanto o rio, como as margens, têm de ser entendidos como um todo. O Homem cedo construiu tanto na margem, como no meio do rio, principalmente por ser um rio estreito. A pouca largura do Neiva, na maior parte do trajecto, permitiu lançarem-se pontes a ligar-lhe as margens, num sinal claro de que o rio mais do que afastar os dois lados, une-os. E onde não havia pontes passava-se a vau.

Entre a nascente e a foz, contando-se as recentes e as antigas, são quase cinquenta pontes. Destacam-se entre as mais antigas a ponte romana de Goães (Vila Verde), a ponte das Tábuas, entre Balugães e Aguiar, em Barcelos, já referida num documento de 1135, a ponte de Anhel (Alheira, Barcelos), documentada no século XIII e a ponte velha de Fragoso, edificada no século XVII. No caso de Forjães, porque uma porção do seu território se encontra na margem norte do rio, a existência de pontes é mais notada: conta-se a ponte da Estrada Nacional, o pontelhão a montante da azenha do Zé do Rio, e algumas pontes de padieiras, algumas delas severamente afectadas pelas cheias do inverno passado. Existiu, outrora, uma ponte junto à azenha da Morena, da qual ape-

nas resta o arranque.

Falou-se da estreiteza do rio, mas ele também é curto e caudaloso: no seu percurso contam-se cerca de uma centena de açudes que por cá se chamam erradamente levadas (as levadas são os canais que levam a água às rodas).

As margens são sobejamente conhecidas pela grande quantidade de azenhas ali construídas para aproveitamento da força das águas. Ao olhar-se para esses edifícios, consegue-se perceber a economia da região, antes do aparecimento da máquina a vapor ou do motor de combustão: construíram-se azenhas para moer o grão, alguns engenhos para maçar o linho (fulão) ou para serrar madeira e até algumas noras para elevar a água para o regadio.

De montante para jusante, subsistem em Forjães as azenhas da Calça e do Guincho, a do Zé do Rio com o engenho de serrar, em frente, e a azenha da Ribeirinha, defronte do engenho de serração do Floriano.




Habitúamo-nos a ouvir que o Rio Neiva é um dos rios menos poluídos da Europa. As águas são muito procuradas no Verão para os banhos, improvisando-se as praias fluviais nos vaus, junto às azenhas ou nos «lagos» formados pelos açudes. Praticavam-se os saltos do pontelhão junto ao Zé do Rio, ou para o «poço» à frente do açude. E durante todo o ano, exceptuando-se o defeso, os carreiros das margens de trutas, onde outrora se armavam nassas e outras armadilhas, como as pedrinhas.

O Rio Neiva não é somente um curso de água serpenteando em margens apertadas e demarcadas pelos amieiros. O Neiva é um dos mais importantes recursos etnográficos da nossa terra, é lugar – uma constante de memórias, de desgraças, de feitos e de aventuras. É um rio património.



Luís Pedro Ribeiro

Legenda:

-  Azenha
-  Levada
-  Ponte



le espécies piscícolas. Por entre o seu arvoredor, namorou-se. Na sua água, aprendeu-se a nadar



O rio que passa na minha aldeia

Sérgio Carvalho

*O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia*

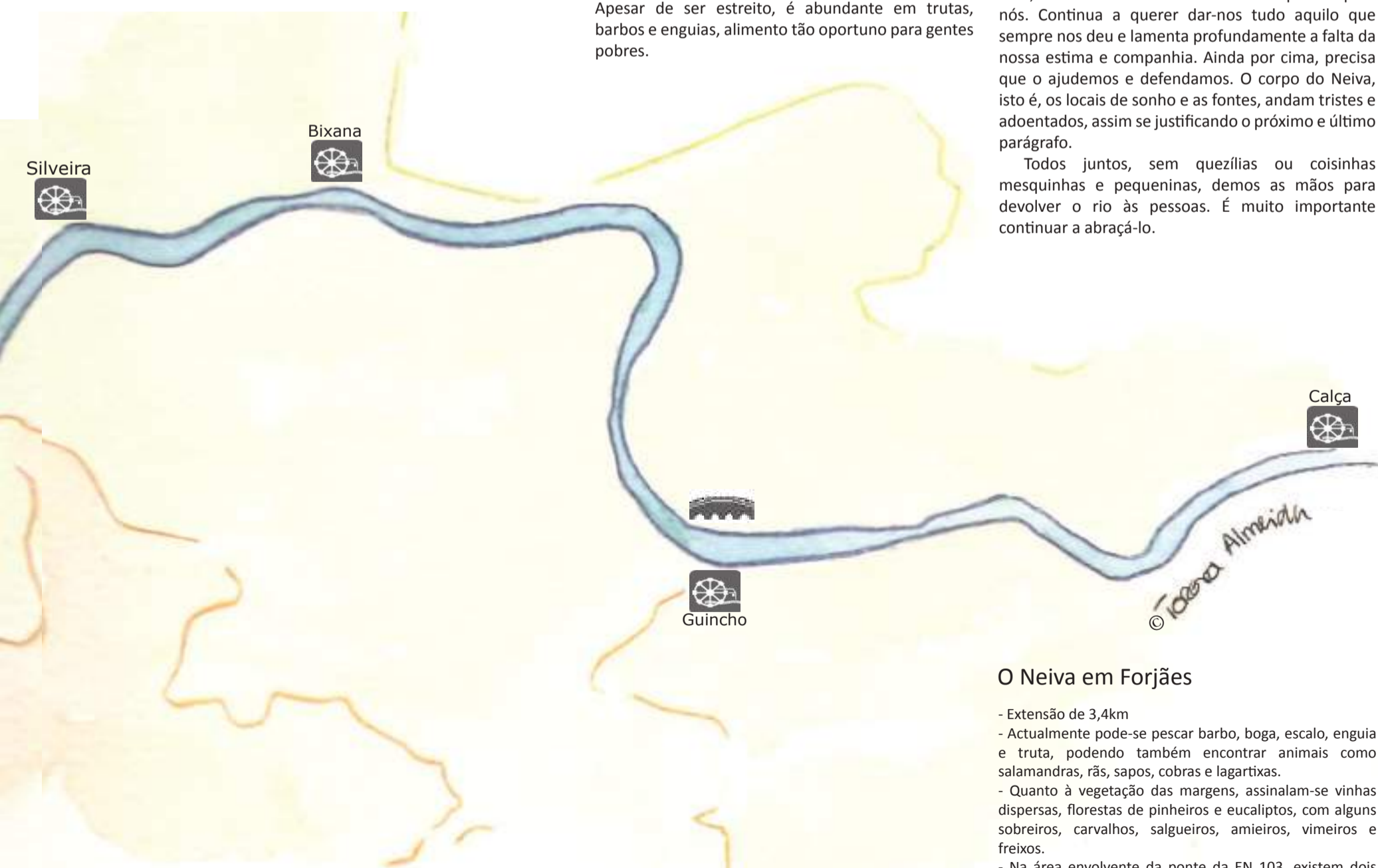
Porque o Tejo não é o rio que passa pela minha aldeia
Alberto Caeiro

O rio que passa pela minha aldeia é o rio Neiva. Todos sabem que desagua entre Antas e Castelo de Neiva; nem tantos saberão que nasce na Serra do Oural, em Vila Verde. Não é em definitivo um rio qualquer, tendo mesmo direito a uma lenda, a lenda do Rei Oural. Possui um afluente, o Nevoinho e um subafluente, o Pombarinhos. Tem qualquer coisa como noventa e cinco levadas e trinta e oito pontes. Apesar de ser estreito, é abundante em trutas, barbos e enguias, alimento tão oportuno para gentes pobres.

Nopassado,orioNeivadeixouquelábrincássemos, que aprendêssemos a nadar, que pescássemos e que nele lavássemos a nossa roupa. Serviu ainda para regar os campos de pão, ofereceu ainda a lenha para a nossa lareira. Foi um ponto de encontro fantástico. As mães, com um molho de roupa à cabeça e uma ninhada de filhos atrás, esqueciam os problemas da vida e cantavam e partilhavam segredos, enquanto batiam violentamente a roupa em pedras pacientes e solidárias. Os filhos brincavam a chapinhar ou nadavam. Vêm daí sítios que nos tocam, como as azenhas do «Manel Antone» ou do «Zé do Rio», a Morena, o Vau, etc.. O Neiva esteve sempre presente em piqueniques e convívios, foi testemunha de romances e amores, alguns proibidos. Foi musa e fonte de criação artística até para Sá de Miranda, que viveu junto a ele, em Duas Igrejas.

Embora incompreensivelmente nos esqueçamos dele, o nosso rio mais belo continua disponível para nós. Continua a querer dar-nos tudo aquilo que sempre nos deu e lamenta profundamente a falta da nossa estima e companhia. Ainda por cima, precisa que o ajudemos e defendamos. O corpo do Neiva, isto é, os locais de sonho e as fontes, andam tristes e adoentados, assim se justificando o próximo e último parágrafo.

Todos juntos, sem quezílias ou coisinhas mesquinhas e pequeninas, demos as mãos para devolver o rio às pessoas. É muito importante continuar a abraçá-lo.



O Neiva em Forjães

- Extensão de 3,4km
- Actualmente pode-se pescar barbo, boga, escallo, enguia e truta, podendo também encontrar animais como salamandras, rãs, sapos, cobras e lagartixas.
- Quanto à vegetação das margens, assinalam-se vinhas dispersas, florestas de pinheiros e eucaliptos, com alguns sobreiros, carvalhos, salgueiros, amieiros, vimeiros e freixos.
- Na área envolvente da ponte da EN 103, existem dois engenhos (Floriano e Queirós) que, apesar de não estarem em funcionamento, ainda possuem estruturas visíveis.

Destaque

memórias

Dois forjanenses da geração de 80, do séc. XX, resgatam as suas vivências no Neiva, interrogando-se pelo seu futuro

Como está o meu rio?

Muitas vezes pensamos que a vida é monótona e a evolução é lenta. Mas isto não se aplica a todas as situações. Se puséssemos imagens do Vau e da Morena sobrepostas como se se tratasse de um filme de animação, veríamos que as mudanças se deram num piscar de olhos, num folhear de muito poucos anos.

Eu ainda sou do tempo em que o Vau era uma extensa área, onde as pessoas estendiam as toalhas, os cestos de pique-nique e por ali passavam uma bela tarde de Verão. Já nessa altura, do alto dos meus sete, oito anos achava muito estranho que o Vau estivesse reduzido à metade daquelas fotos que via no álbum da minha mãe: «Onde é que tiraste esta foto mãe?». Pois, tinha sido no Vau. Num Vau em que muitas mães se juntavam a lavar pesadas bacias de roupa, onde os lençóis ficavam a corar, enquanto se esfregavam as fraldas, ainda de pano, dos muitos filhos da terra.

Eu já nasci na era das máquinas de lavar, mas ainda me lembro de muitas mulheres a lavarem roupa no rio, no Vau e ao pé da fonte da Morena. «Que mulheres de coragem», pensava, abismada por olhar aquele hábito no Verão e no Inverno. Actualmente, e já há alguns anos, isso não é possível. Quem sabe não foi o rio, enquanto ser-vivo que suicidou um dos seus mais belos braços, para não chorar a ausência de uma tradição que tinha tanto de dura

como de bela?!... O povo ribeirinho diz que as chuvas foram as responsáveis por tal ataque feroz. Uma zona de águas baixas e com a terra ao mesmo nível, não conseguiram sobreviver a grandes chuvadas. Provavelmente têm razão. Mas hoje, a inexistência do Vau é uma estranha sensação para todos aqueles que conheceram os seus tempos áureos. Ninguém arrisca a lá voltar para não ter de chorar a sua morte.

E a fonte da Morena, que deu de beber a tanta gente?!... Quantas vezes calcoreei aquele difícil acesso para beber uma água, que nenhuma outra até hoje me soube igual. Aquela água, que tanto custava carregar em garrações até casa, sempre a subir, sabia a Natureza, sabia a casa. Os acessos foram-se tornando cada vez mais difíceis, com as chuvas a escavarem os caminhos e com as ervas a esconder a passagem. E a água que antes matou a sede, tornou-se imprópria. Diz-se, à boca pequena, que inquinada por esgotos!.

Por estes dias, têm-se visto trabalhos numa tentativa de ressuscitar esta zona do rio. Os resultados já são visíveis, mas são uma pequena gota num rio tão grande.

Tenho uma sentida pena que o Neiva, que outrora deu forças aos moinhos e tirou as forças às mulheres, esteja hoje quase esquecido e desvalorizado.

Susana Costa

O rio dos namoros

Ao longo dos seus 45 quilómetros de comprimento, o rio Neiva é riquíssimo em belas paisagens e zonas balneares, frequentadas nos meses de Verão. Forjães tem vários pontos de interesse nas suas margens, dos quais de destacam as azenhas, a zona verde do Vau e a antiga insua do Zé do Rio. Todos eles constituem sinónimo de boas memórias para muitos forjanenses.

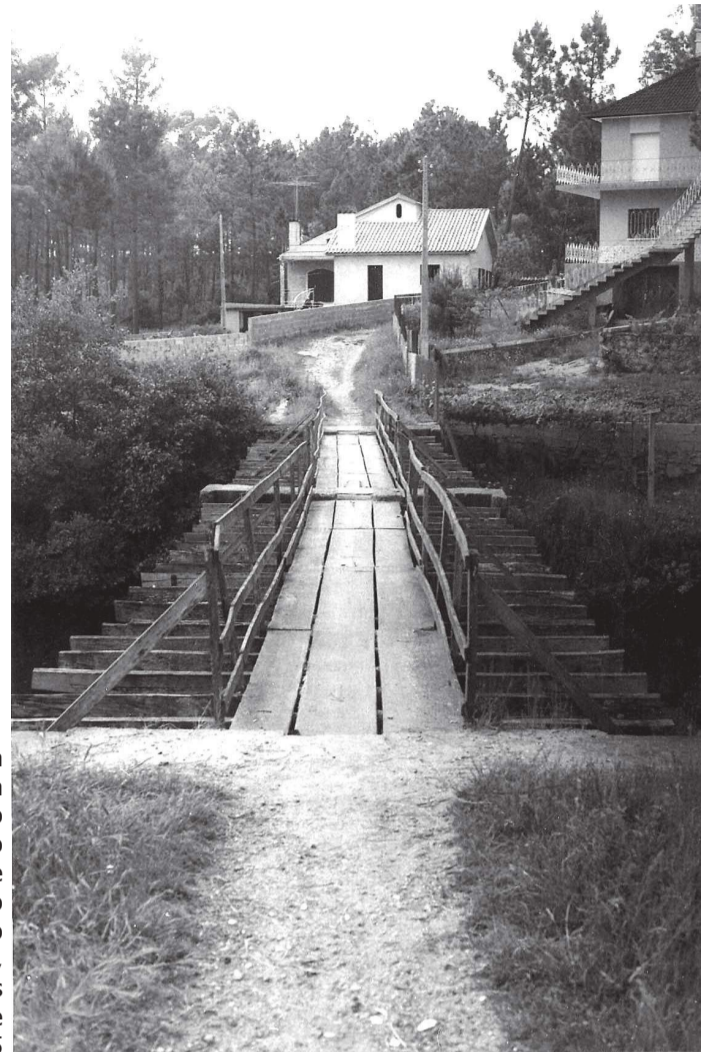
Recordo-me de nos meus tempos de escola fugir das aulas para dar uns mergulhos na Morena e apanhar banhos de sol no vau. A zona do Zé do Rio é das mais famosas. Com saudade, recuamos alguns anos e recordamos os momentos que vivemos nas margens da azenha. A maioria dos jovens de Forjães, em Julho e Agosto, frequentava o local, autêntico ex-libris da região. A insua chegava a ser pequena para tanta gente: era local de eleição para o namoro.

A ponte é um símbolo: quem não se recorda da velhinha ponte de madeira, que servia de prancha para muitos corajosos, que, na fantasia dos seus saltos, mais pareciam verdadeiros atletas olímpicos. Os

jovens que moravam junto ao rio eram os verdadeiros campeões. E, por vezes, criava-se uma competição terrível com outros jovens forjanenses, particularmente com os forasteiros – todos queriam fazer o melhor salto, para ser visto como um verdadeiro campeão e homem de coragem pelo mundo feminino. As raparigas ficavam emocionadas quando «o seu mais que tudo» era o rei da ponte, o homem que tinha conseguido o salto do dia. Depois do espectáculo seguiam-se os banhos de sol na insua. Trocavam os primeiros beijos e faziam-se declarações de amor.

Com o passar dos anos o Zé do Rio tem perdido o charme de outros tempos. Não possui a beleza de outras épocas, devido à poluição e à falta de respeito das pessoas pelo nosso rio. Aquele espaço do rio irá ser para muitos de nós uma memória inesquecível; aquelas águas e margens fazem parte de nós, guardam alguns dos nossos segredos. E serão sempre lembrados com um sorriso...

Nélson Correia



Ponte Velha de acesso à azenha do Zé do Rio (ao lado) e azenha do Manuel do Rio (em baixo), registos fotográficos de 1985



opinião

Margens do Neiva: prioridade da autarquia

Muito se tem falado, nos últimos anos, sobre intervenções e aproveitamento do rio Neiva.

Foi também uma promessa desta junta de freguesia.

Forjães tem, neste momento, dois cartazes de visita: o Souto de S. Roque e a zona central, entre o Centro Cultural, Av. de Sta. Marinha e o espaço envolvente da Igreja.

Ora, o rio Neiva é por si só um cartaz de visita, que não está totalmente aproveitado.

As juntas anteriores já foram dando os primeiros passos com aquisições de terrenos junto às suas margens.

Em cima da mesa está a construção de um parque merendas e de lazer, a recuperação de pontes, a criação de percursos pedonais junto das margens, a recuperação de azenhas, engenhos e fontes.

Tudo isto estamos conscientes que levará anos, a conjuntura económica a isso também aconselha.

Mas passo a passo iremos trabalhar neste sentido, basta ver que, este Verão, a junta de freguesia procedeu à limpeza das margens do rio entre a Morena, Vau, Gaio e Zé do Rio.

Aqui, no Zé do Rio, procedeu-se à limpeza da ilha ali existente, à colocação de areia junto à margem e a uma campanha de limpeza e sensibilização.

Até ao final do mandato cremos já ter mudado a face do rio e promovido a aproximação entre os forjanenses e o Neiva.

José Henrique Brito,
presidente da Junta de Freguesia

Os rios gémeos separados por cinco mil quilómetros



Rio Нейва, na Rússia

Uma pesquisa rápida na internet devolve uma coincidência notável. Na Rússia há um rio Neiva (Нейва, em russo), que se une ao rio Rezh para formar o rio Nitsa. Passa pela cidade de Neviansk, na província de Óblast de Sverdlovsk, e tem, no total, 294 quilómetros de comprimento.

E as coincidências não ficam por aqui. O Neiva russo nasce nos montes Urais. A relação entre dois rios chamados Neiva, que nascem em montes Ourais separados por uma distância 5000 quilómetros seria improvável à primeira vista, mas convirá lembrar que as origens linguísticas dos europeus advêm dos diversos dialectos indo-europeus. Assim, Neiva resulta da palavra original *nev*, que significa vale. E Oural e Urais provêm da palavra *or*, que designa nascente de água.

A pequenez do Neiva português – apenas 45 quilómetros – transporta-nos para a juventude do príncipe Neiva, filho do grande rei Oural (serra mais alta do Vale do Neiva). Reza a lenda que o rei teria mandado o seu filho unir-se ao mar, estendendo o seu corpo pelo vale, para ajudar as gerações nas tarefas quotidianas. Assim, estariam juntos até à eternidade e orgulhosos por darem o melhor deles próprios. Da serra do Oural ao Atlântico percorrem-se muito menos quilómetros que no percurso do Нейва... A juventude do nosso príncipe, que deu origem ao Neiva, não lhe permitiu um maior atrevimento.

Cláudio Brochado/Susana Costa

É este o rio do poeta

Há dois mil anos, o geógrafo romano Pompónio Mela descreveu o território a norte do Douro na sua **Corografia**, elencando os rios «Avo, Celadus, Nebis, Minius e Limia» (Ave, Cávado, Neiva, Minho e Lima). Serve este apontamento para introduzir o significado do nome Neiva.

O nome Nebis, de onde derivou Neiva, parece estar relacionado com Nabia, a deusa mãe dos povos célticos, uma espécie de deusa da fertilidade da terra. Em última instância, o nome antigo Navia significava vale fértil. O vale do Neiva regista nomes derivantes dessa raiz, que nos remete para essa fertilidade. Caso do ribeiro do Nevoinho, que desagua no Neiva em Balugães (Barcelos), e da freguesia de Navió.

Não precisamos de adiantar muito para dizer que o vale do Neiva é uma área muito fértil e há concordância entre esse nome antigo e a paisagem que o acolhe. Não sabemos se foi a região que deu o nome ao rio ou se foi o rio a nomear a região; mas durante a Idade Média esta região era Terra de Neiva, o nome ultrapassou os limites

do vale e sem pensar muito, somos capazes de nomear seis ou sete famílias que têm Neiva como apelido.

A paisagem do vale, telúrica, constantemente sacralizada, de fertilidade mítica, cedo atraiu os homens das letras. Um poeta do século XVI, Diogo Bernardes, de Ponte da Barca, escreveu estes versos dedicados à memória do grande Sá de Miranda: «É este o Neiva do nosso Sá de Miranda, *Inda que tam pequeno, tam cantado?*», compondo essa realidade de rio de pouco tamanho, mas caudaloso das elegias do poeta de Duas Igrejas.

Dídimo Mesquita, o saudoso baluganense radicado em Forjães, escreveu uma **Lenda do Rio Neiva**, na qual se conta a história do jovem príncipe Neiva, filho do Rei Oural, que se mandou serpenteante até ao mar; nesse caminho se poderá explicar a propensão do Rio em aparecer diante dos olhos dos poetas, para além de moldar uma paisagem ímpar.

Cláudio Brochado



Luís Pedro Ribeiro percorreu o Neiva, fixando-o para as futuras gerações: como estará o rio na próxima década?





Desporto ■ Notícias FSC

FSC: comissão administrativa assume funções

Entre Julho e Agosto, um grupo de sócios do Forjães Sport Clube (FSC), formou uma comissão Administrativa para gerir os destinos do clube. Os elementos eleitos prometeram empenhar-se na missão, solicitando a colaboração dos sócios.

No acto de posse, o líder da comissão, Fernando Neiva, sublinhou que não haveria «loucuras» na constituição da equipa sénior. As metas a atingir passam pela reactivação e reestruturação do futebol jovem e pelo processo de requalificação do Estádio Horácio Queirós.

Fernando Neiva, reforçou a intenção, «dentro das possibilidades», de dar andamento à concretização do relvado. «Esta Comissão Administrativa do FSC sonha com um sintético, se esta for a vontade dos sócios, para o Estádio Horácio de Queirós», anota Fernando Neiva, que referiu o espírito de trabalho e empenho com que todos os membros partem para esta missão. No final, afirmou esperar a melhor colaboração da massa adepta e associativa, independentemente dos resultados desportivos que se vierem a verificar.



Futebol jovem

O FSC reactivou o funcionamento do futebol jovem, tendo inscrito na AF Braga equipas de Juniores, Iniciados e Escolinhas, que irão competir nos respectivos campeonatos daquela Associação de futebol.

Os treinos já se iniciaram e os jovens interessados em fazer parte destes escalões de formação deverão informar-se na sede do clube, preferencialmente ao fim da tarde.

No que concerne aos escalões de Infantis, Escolas e Pré-

escolas, serão enquadrados ao abrigo de um protocolo celebrado com a escola de futebol Fintas, e destinado a crianças com menos de 12 anos. Daquele protocolo nasceu o Centro de Formação Forjães/Fintas.

Os treinos, no centro de formação do FSC, decorrem às terças e quintas, às 18,30h. Os interessados podem inscrever-se naquele local. Contactos: Luís Cruz, Luís Pedro Pereira, Pedro Costa e Carlos Lages.

moção da modalidade. As aulas, para todas as idades, irão decorrer no ringue do Estádio Horácio Queirós. Os interessados poderão contactar os responsáveis: Escola de Ténis Fernando Lamela ou Escola de Ténis de Forjães. Refira-se que estas escolas funcionam independentemente.

Escola de Ténis Fernando Lamela: 933210065
Escola de Ténis de Forjães: 917004912



Ténis no FSC

O FSC celebrou dois protocolos com escolas de ténis, tendo como objectivo a pro-

Resumo das jornadas

1ª Jornada 12-09-10

Porto d'Ave 0 - 0 Forjães
Complexo desportivo de Porto d'Ave-Póvoa de Lanhoso

Primeiro jogo do campeonato dá empate

Tarde de muito calor que não permitiu um jogo de qualidade, por parte de ambos intervenientes. As equipas acusaram dificuldades ao nível físico, normais no início de época.

A melhor oportunidade de golo aconteceu para o Forjães, à passagem da meia hora da 2ª parte, quando, Mouzinho, à entrada da pequena área recebeu no peito e chutou forte em direcção ao guarda-redes, que tal como um «Meco» evitou o golo.

O empate, foi um resultado justo, pois as dificuldades físicas e o muito calor sentido não permitiram um jogo

Entrada, em casa, com o pé esquerdo

Numa tarde de sol e com um número razoável de assistentes, o Forjães estreou-se da pior maneira nos jogos em casa. Diga-se que, nos primeiros vinte minutos o Forjães dominou o jogo, tendo mais iniciativa, desperdiçando duas oportunidades de golo. Alfredo falhou uma emenda à boca da baliza aos 5 minutos e Ruizinho atirou à barra à passagem do quarto de hora.

O primeiro golo do Ronfe, obtido à meia hora de jogo com alguma felicidade, abalou a equipa forjanense que ainda não consegue ligar o seu jogo, denotando falta de entrosamento e de criatividade nos sectores mais ofensivos.

Na segunda parte surgiu o 2-0, outro golpe de alguma felicidade dos vimaranenses, na cobrança de um livre lateral. Este golo abalou a estrutura forjanense, que só com algumas alterações ganhou coragem nos minutos finais, mas não logrou mais que o tento de honra.

Jogo do Forjães - Ronfe no Estádio Horácio de Queirós



Luís Pedro Ribeiro

com a qualidade técnica e tática desejada.

FSC: 1- Stray; 2- Rick; 3- Mané; 4- Mouzinho; 5- Zé Avelino; 6- César; 7- Chico (Miguel aos 78); 8- Zé Carlos (c.); 9- Canigia; 10- Alfredo (Káká aos 65); 11- Ruizinho (Ricardo Santos aos 85).

Treinador: Fernando Pires
Não utilizados: Joel, Luisinho; Pipo e Xavi.

2ª Jornada 19-09-10

Forjães 1 - 2 Ronfe
Estádio Horácio de Queirós

Parece-nos que o sector intermediário da equipa forjanense ainda precisa de muita afinação e trabalho. Contudo, os inícios de época são sempre complicados até as equipas ganharem ritmo de jogo.

FSC: 1- Stray; 2- Rick; 3- Mané; 4- Mouzinho; 5- Canigia; 6- César; 7- Chico (Zé Avelino aos 75); 8- Zé Carlos (c.); 9- Xavi (Káká aos 60); 10- Alfredo; 11- Ruizinho (Ricardo Santos aos 75).

Treinador: Fernando Pires
Não utilizados: Joel, Luisinho; Pipo e Miguel.

Golos: 0-1 aos 29 min.
0-2 aos 56min.
1-2 Káká aos 86 min.

Campanha "EU AJUDO" nº sorteado 341

Terminou no passado domingo (19 de Setembro) a campanha EU AJUDO, lançada pela Comissão Administrativa do FSC. A mesma decorreu com a boa colaboração dos forjanenses. O prémio sorteado, um computador portátil, foi atribuído ao nº 341.

Festa-convívio do FSC

Em Agosto, o FSC realizou uma festa convívio com muita animação: diversos jogos, concertinas, folclore, karaoke e muita música. O clube agradece a todos quantos estiveram presentes, bem como a colaboração do Grupo de Danças e Cantares, do Grupo Associativo de Divulgação Tradicional e da artista forjanense Sandra Queiroz.

Futebol de Salão

Decorreu mais um Torneio de Futebol de Salão, este com oito equipas. Os participantes bateram-se com desportivismo e correcção. Participaram as equipas Talho Sra das Graças, Toné Seguros, ACARF, Vidroantas, São Roque, Auto-detalhe, EFOR e Canarinha. João Moura (S.Roque) foi o melhor marcador, Tiago (S. Roque) o melhor guarda-redes, o fair-play coube à Canarinha e o Talho Sra. das Graças venceu o Torneio.

Quotas 2010-2011



Estão já a pagamento as quotas para a presente época. A cobrança está a cargo dos membros da Comissão Administrativa do clube, Hugo Abreu e Eduardo Pinheiro.

Um dos objectivos da Comissão Administrativa é aumentar o número de sócios, estando previsto o lançamento de uma campanha nesse sentido. Convidam-se os forjanenses a inscreverem-se na família do FSC.

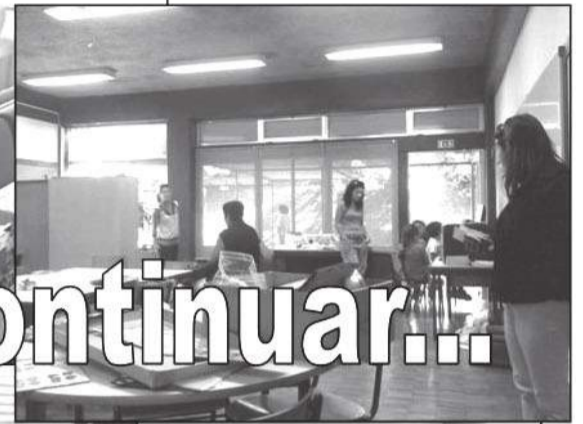
Av. de S. Romão, 10 - 4935 Neiva - Viana do Castelo Tel. 258 871 466 - Fax: 258 371 420



Av. Marcelino Queirós, 130/140 Estrada E - loja 14 - 4740-438 Forjães
Tel.: 253 876 074/TLM.: 965 166 956

Boletim – Nascente Escolar

Agrupamento de Escolas Terras do Baixo Neiva



2010-2011 Força para continuar...



Educação Sexual... Um desafio!

O Agrupamento de Escolas Terras do Baixo Neiva irá proceder no presente ano lectivo à implementação da Educação Sexual em todos os anos de escolaridade do Ensino Básico, de acordo com a legislação em vigor. O Programa PRESSE-Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar -será uma mais-valia para o Agrupamento, uma vez que já prestou formação aos Coordenadores da Saúde e Enfermeiros dos Centros de Saúde, os quais procederão posteriormente à formação dos professores responsáveis pela Educação Sexual nas diferentes turmas.

Este programa constitui um grande desafio para professores, assistentes operacionais e encarregados de educação, de forma a proporcionar uma verdadeira educação, uma abordagem efectiva dos afectos, do respeito pelo outro, da igualdade entre os sexos, da capacidade de lidar com frustrações, da prevenção dos maus tratos e das aproximações abusivas, da prevenção da gravidez na adolescência, etc.

Profª Diana Costa

Acção de sensibilização Autismo entre nós!!



Agrupamento de Escolas
Terras do Baixo Neiva



Na passada quarta-feira, dia 08 de Setembro de 2010, realizou-se no Agrupamento de Escolas Terras de Baixo Neiva uma acção de sensibilização relativamente à problemática das Perturbações do Espectro do Autismo (PEA) intitulada “Autismo entre nós”, tendo como formadoras as técnicas da Associação do Amigos do Autismo (AMA): Gisela Brás - Terapeuta Ocupacional, Sofia Correia – Terapeuta da Fala e Judite Ferreira Terapeuta de Psicomotricidade.

A acção teve por objectivos:

- Realizar uma introdução às PEA
- Desenvolver os princípios inerentes à inclusão escolar e social destas crianças
- E sensibilizar o pessoal docente e não docente à sua inclusão

Foi ainda, abordada a dinâmica de uma Unidade de Ensino Estruturado para alunos com PEA e realizada uma breve caracterização das crianças que irão integrar a Unidade de Ensino Estruturado neste ano lectivo 2010/2011.

Profª Virgínia



Desporto Escolar

ORIENTAÇÃO

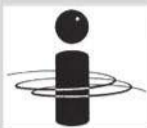
Um desporto para todos! Mexe-te, não fiques parado...

INSCREVE-TE JUNTO DO TEU PROFESSOR DE ED. FÍSICA



... sempre à frente

Mais informações com Prof. Anabela



Treinos no interior e no exterior da escola

Treinos no terreno (mapa)

Cartão de atleta

Provas para o campeonato Regional Norte

Prova de encerramento

Prémios surpresa



INSCREVE-TE

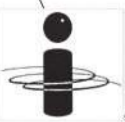


CLUBE SAÚDE EM MOVIMENTO

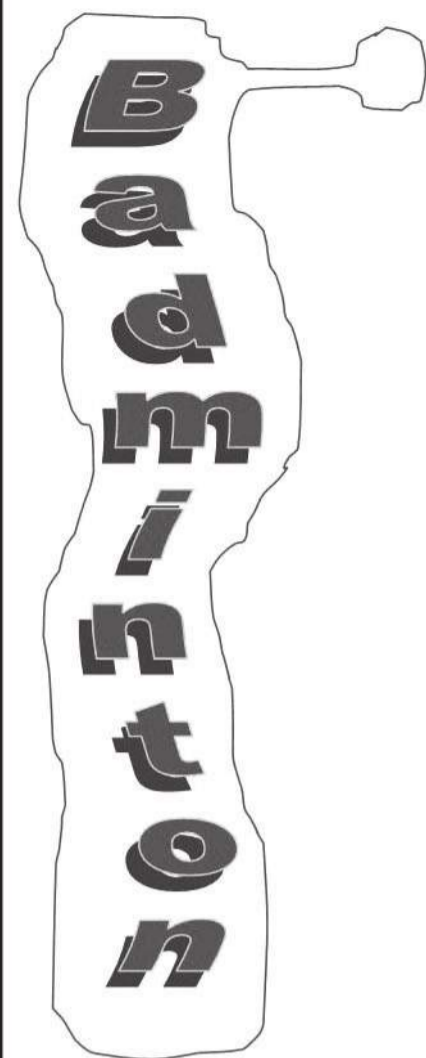
Um Clube à tua medida...

Pratica exercício físico

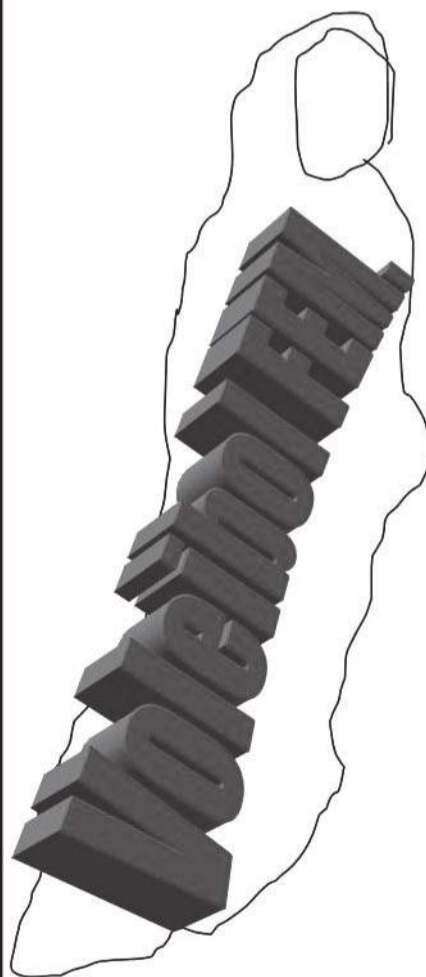
E cuida de ti!! Aparece.



Prof. Anabela Freitas



Coordenado pelos Professores Alfredo Azevedo e Goreta Sá, para os escalões de infantis e iniciados, mistos.



Coordenado pelo Professor Armando Lopes, para o escalão de iniciados femininos

Publicidade



Serralharia Lima
Aurélio Sérgio Azevedo Lima

- todo o tipo de caixilharia em alumínio
- todos os serviços em ferro
- coberturas industriais
- portas seccionadas
- automatismos

Rua da Galega_Cerqueiral / 4740-435 Forjães_Esposende
telef.: 253 872 264 / telm.: 964 157 669



IDEAL PNEUS

PNEUS - ESTAÇÃO DE SERVIÇO LIGEIRAS E PESADOS - ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES

PAÇO VELHO - V.F.S. - APARTADO 583 - 4750-909 BARCELOS
TELEF. 253 809 880 - FAX 253 809 889

Palavras Cruzadas (soluções)

Horizontais
1º abalo; ronda = 2º l; zingaro; m = 3º ta; síria; ge = 4º ama; xal; tal = 5º roto; n; mola = 6º nictalope = 7º lido; d; raro = 8º ita; sim; rir = 9º se; canos; a.c. = 10º a; moradia; a = 11º reima; arses =

Verticais
1º altar; lisar = 2º b; amonite; e = 3º az; atida; mi = 4º lis; oco; com = 5º ónix; t; sara = 6º granadina = 7º rail; l; moda = 8º ora; mor; sir = 9º no; topar; as = 10º d; galeria; e = 11º amela; orcas =



CARTONAGEM S. BRAZ, LDA.
Embalagens

Embalagens e outros artigos de Cartão Canelado
em qualquer modelo com ou sem impressão

L. Pinheiro - Rio Cove - Stª Eugénia
Tel - 253 83 00 00 / 253 83 24 51 Fax - 253 82 12 30
Apartado 430 4754-000 Barcelos



Escola de Condução Rio Neiva, Lda

...A conjugação perfeita para a formação de bons condutores!

Av. 30 de Junho, 364
4740-438 Forjães
Tel.: 253 87 77 70
E-mail: escolarioneiva@rj.pt

Deco-Int
Decorações - Interiores



Cortinas
Varões
Rolos
Verticais
Laminados
Palhinhas
Mosquiteiros
Tapetes
Candeeiros
Etc ...

Colocação e reparação de estores interiores e exteriores em alumínio e P.V.C motorizados.
Orçamentos grátis

Av. Marcelino Queirós, nº 130 – Loja 5
4740 - 448 – Forjães
Tel/Fax – 253 877 814 TLM – 918 332 917 / 917 052 671
E-mail: decoint@mail.pt

Loja 150

LOJA DE ARTIGOS DIVERSOS

Utilidades Domésticas, Produtos alimentares, Decoração, Loijas Papelaria, Brinquedos, Ferramentas, etc..

Av. Sta. Marinha, Centro Comercial Duas Rosas, 1º esq.: Loja nº1
Forjães – Esposende Telefone: 253877159



DIVULGUE O JORNAL DA NOSSA TERRA

O FORJANENSE
R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58
4740-439 FORJÃES
PROPRIEDADE e EDIÇÃO: ACARF
Associação Social, Cultural, Artística e Recreativa de Forjães
Fundado em Dezembro de 1984
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58
4740-439 FORJÃES - Ctr. n.º 501524614
Telef. 253 87 23 85 - Fax 253 87 10 30

e-mail: acarfl@sapo.pt

Director: Mário Robalo
mario_robalo@sapo.pt
Directora executiva: Susana Costa
Subdirector: Cláudio Brochado
claudio-brochado@sapo.pt
CONSELHO CONSULTIVO: Fátima Vieira (ACARF), Mário Dias (Paróquia), Andreia Cruz Dias (PSD), José Manuel Neiva (PS), Basílio Torres (Prof. EBI), Rui Laranjeira (estudante EBI), Arlindo Tomás (FSC), Paula Cruz, Sílvia Cruz Silva, Alfredo Moreira e José Salvador.
Colaboradores permanentes: Pe. A. Sílvio Couto, Armando Couto Pereira, Carmen Ribeiro (Fundação Lar de Santo António), Pe. José Alves Martins (Timor), Junta de Freguesia de Forjães, Luís Baeta, Manuel António Torres Jacques(França), Maria Mota, Olímpia Pinheiro, Paulo Lima (EBI Forjães), Regina

Corrêa de Lacerda (Lisboa), Rita Braga, Vânia Aidé e Felicidade Vale e educadoras da ACARF.
REDACÇÃO: Anabela Moreira, Diana Martins, Nelson Correia, Ricardo Brochado, Sofia Carvalho e Tiago Brochado.
FOTOGRAFIA: Luís Pedro Ribeiro
SECRETARIADO E PAGINAÇÃO: Eduarda Sampaio e Fátima Vieira.
ASSINATURA ANUAL (11 números)
País: 9 Euros; **Europa:** 17 Euros; **Resto do Mundo:** 20 Euros
Registado no Instituto da Comunicação Social sob o nº 110650
TIRAGEM - 1.650 Ex. (Sai em meados de cada mês)
IMPRESSÃO: EMPRESA DIÁRIO DO MINHO, Lda
Rua de Stª Margarida, 4 A / 4710-306 Braga / Tel. 253 609460
Fax. 253 609 465/ Contribuinte 504 443 135
www.diariodominho.pt / lfonseca@diariodominho.pt

Os artigos de opinião são da exclusiva responsabilidade de quem os assina e não vinculam qualquer posição do jornal O FORJANENSE. O jornal não assume o compromisso de publicar as cartas ou textos recebidos, reservando-se o direito de divulgar apenas excertos.

Opinião



Sandra Queiroz

Cabo Verde: uma esperança de vida

Visto através de milhares de olhares, incluindo o meu, a maior riqueza que presenciamos é fruto da Natureza: uma paisagem, ainda que simples, bonita, feita de palmeiras e de pequenas enseadas de água cristalina e areias brancas.

Viajei à procura de perceber as realidades da vida e cultura de um povo, de uma nação. Quando lá cheguei, a emoção falou mais alto. A existência de um NADA questionou-me. Uma nação, como

poderá sobreviver sem água, sem fontes de energia, sem plantação alguma? Tudo o que encontrei como resposta foi a esperança que em todos permanece. Mesmo assim, volto a questionar-me: como poderá aquele povo basear-se numa esperança, quando a própria terra é imprópria para cultivo; as casas não são mais que simples cobertos, idênticos aos das nossas próprias casas; as famílias têm 5 e 6 filhos; os ordenados são entre 70 e 300 escudos (110 escudos cabo-verdianos equivalem a um euro) e parte significativa da alimentação é importada?

À medida que os dias passaram, os meus olhos educaram-se e o abismo que senti no primeiro dia deu lugar ao hábito, mas ainda

hoje a indiferença não consegue ganhar lugar. Só uma esperança divina os faz levantar após a queda, lhes mata a fome com a fé e lhes cura as mágoas com uma suave melodia. Em diálogo com alguns cabo-verdianos, eles contaram que a alegria musical e as

Os cabo-verdianos fazem da esperança o seu destino

danças são as suas fontes de energia mental, tornando-os mais fortes, enfrentando o quotidiano com mais coragem – ritmos tão doces, tão alegres que os fazem sentir vivos e cheios de esperança num

futuro que tarda em chegar.

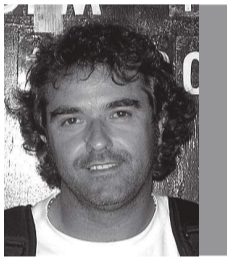
«Eu sou uma parte do mundo, tal como a hora é uma parte do dia». É uma das expressões que aquele povo mais cita, marcando a sua pobreza numa esperança cheia de humildade. O pouco que têm oferecem a quem os visita. Sempre de sorriso no rosto, e sem se aperceberem de que o mundo é muito além do que imaginam, contentando-se com uma felicidade muito simples, mas real.

Um povo que tomou o seu destino nas mãos próprias. Esta nação abraça quem a visita, como se tivesse o dever de nos fazer esquecer as dificuldades que julgamos ter em nossas vidas, transmitindo assim uma calma e uma harmonia nunca sentidas.

Deixo aqui um provérbio africano que pode levar à reflexão sobre o destino deste povo: «*Em África, todas as manhãs, uma gazela acorda. Sabe que tem de correr mais depressa que o leão, ou será morta.*

Todas as manhãs, um leão acorda. Sabe que tem de correr mais depressa que a gazela ou morrerá de fome. Não interessa se és leão ou gazela. Quando o sol se levantar, será bom que corras.

Em Cabo Verde, em Portugal ou em qualquer país do mundo, são pessoas como as que encontrei que ainda nos fazem acreditar que a esperança é, de entre todas as virtudes humanas, a mais sublime do espírito solidarista do Homem.



Bernardino Silva

Um olhar sobre a pobreza... um contributo

«*Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta*»
Carl Gustav Jung

Há várias maneiras de falar da pobreza no mundo. Devido aos órgãos de comunicação social, a pobreza dos outros está, sem dúvida, mais perto de nós do que nunca.

Neste itinerário de palavras proporcionarei que a reflexão seja assente no que de bom se vai realizando para que este flagelo da pobreza seja minimizado porque

ainda encontramos muitas boas acções de homens e mulheres que procuram equilibrar a balança das desigualdades. A dificuldade maior é que, num planeta onde a globalização tende a impor o mesmo modelo de produção em toda a parte, torna-se cada vez mais difícil para os países pobres a escolha de um modelo diferente. Um modelo que valorize a coesão social mais do que a eficácia produtiva, e a cobertura das necessidades básicas de todos mais do que a opulência gritante dos detentores do poder ou do dinheiro. É, neste contexto, que vai o apelo de Ban Ki-moon, Secretário Geral da ONU, pretendendo mobilizar vontades para o cumprimento dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) até 2015:

«Não podemos faltar aos milhões de pessoas que esperam da comunidade internacional que cumpra a promessa de um mundo melhor contida na Declaração do Milénio. Vamos encontrar-nos em Setembro para cumprir a promessa».

São indispensáveis implicações práticas de governantes e autarcas para uma mais eficiente justiça social

Os ODM estão ameaçados por um contexto económico recessivo e pela falta de vontade política. Por isso, a próxima Cimeira da ONU, em Nova Iorque, nos próximos

dias 20, 21 e 22, é o momento decisivo para resgatar os ODM. Por todo o mundo, a sociedade civil está em marcha para pressionar os seus líderes no sentido de fazerem mais e melhor pelo bem comum.

Tendo em conta o prazo de 2015, é essencial acelerar os progressos, pois muitos dos problemas que afligem tanto os países ricos como os pobres no mundo moderno não podem ser adequadamente resolvidos sem um maior número de políticas governativas esclarecidas, administração pública mais competente e honesta, e um maior investimento do dinheiro que resulta dos impostos. Existem provas suficientes de que um governo mais eficiente pode gerar rendimentos mais elevados, melhores condições de vida, mais

justiça social e um ambiente mais limpo e renovado.

E, neste Ano Europeu no Combate à Pobreza e Exclusão Social exige-se, mais que nunca, uma tomada de posição política do maior alcance da qual devem, agora, decorrer as indispensáveis implicações práticas a nível governamental, autárquico e administrativo, visando a erradicação da pobreza⁽¹⁾. Urge, também, que cada homem e mulher se comprometam com o objectivo de contribuir para o bem público e bem comum da Humanidade.

⁽¹⁾ Recomendo a leitura da publicação **Contributo para uma estratégia de luta contra a pobreza**, pela Comissão Nacional de Justiça e Paz, em Setembro de 2008. Ver: www.ecclesia.pt/cnjp



Elsa Teixeira

Cães à solta!

circulam cidadãos, que podem ser adultos ou crianças, outros animais e veículos.

Mas os «cães sem trela» circulam livremente com ou sem dono por perto e, infelizmente, os incidentes acontecem. A liberdade do cão é preservada, porque a trela limita-o, e quanto ao ser humano que mude de percurso ou seja ágil o suficiente para fugir em caso de necessidade.

Mesmo os cães que são dóceis e meigos têm instinto e podem atacar sem razão aparente; pode haver um cheiro que os atraia, um gesto que os ameace, uma pessoa a correr ou a andar de bicicleta, um grupo de crianças a brincar que desencadeie uma reacção de violência. Já presenciei alguns casos e já fiz parte de outros e, na

maior parte dos casos, os donos (i)responsáveis pelos cães dizem sempre o mesmo, asseguram que o cão nunca havia atacado ninguém.

Existem regras para vivermos

Os cães não trazem consigo manuais de instrução. Mas, na via pública, os seus donos, raramente, respeitam a legislação

em sociedade e uma delas é o respeito pelos nossos semelhantes. Andar com um cão solto não cabe nessas regras. Talvez por essa razão, seja regra a obrigatoriedade

de os cães circularem condicionados em espaços públicos.

Existe uma legislação sobre a circulação de cães e até mesmo gatos na via pública, e que constam no artigo 7º do decreto-lei n.º 314/2003: «É obrigatório o uso por todos os cães e gatos que circulem na via ou lugar públicos de coleira ou peitoral, no qual deve estar colocada, por qualquer forma, o nome e morada ou telefone do detentor. É proibida a presença na via ou lugar públicos de cães sem estarem acompanhados pelo detentor, e sem açaímo funcional, excepto quando conduzidos à trela, em provas e treinos ou, tratando-se de animais utilizados na caça, durante os actos venatórios. Considera-se 'açaímo funcional' o utensílio que, aplicado ao animal

sem lhe dificultar a função respiratória, não lhe permita comer nem morder». A contra-ordenação a estas leis é punível pelo presidente da junta de freguesia da área da prática da infracção, com coíma cujo montante mínimo é de 25€ e máximo de 3740€ ou 44 890€, consoante o agente seja pessoa singular ou colectiva.

A verdade é que todos nós sabemos que há um desrespeito constante destas regras, por desconhecimento ou irresponsabilidade.

Na verdade, o cão não vem com manual de instruções, mas os donos também não querem ou não sabem pesquisar ou ler sobre o assunto. Quantas vezes passeiam cães à solta com «donos que mordem»!

Culinária ■ Viver ■ Passatempos

Ementas da casa

Maria Mota e Olímpia Pinheiro



As receitas apresentadas pelas cozinheiras da ACARF são um apelo à experiência de novos paladares. É uma maneira diferente de cozinhar o frango, que muita gente tem na capoeira, ainda que seja para ser consumido com moderação, pelo alto valor de hidratos de carbono, como nos aconselha o nutricionista Ricardo Moreira. Já quanto à salada de cogumelos, mais saudável que muitos acompanhamentos a que estamos mais habituados, é uma proposta interessante a reter.

Higiene e segurança alimentar (I)



Ricardo Moreira*

Estima-se que, todos os anos, milhões de pessoas sofram uma toxinfecção alimentar. O número de casos registados, em cada país, encontra-se muito aquém dos números reais. O conceito toxinfecção agrupa as intoxicações e as infeções. A intoxicação é causada pelas toxinas produzidas por bactérias, fungos ou algas, presentes no alimento ingerido. A infeção ocorre devido à presença do próprio microrganismo no alimento ingerido. As toxinfecções, apesar de estarem muito relacionadas a casamentos e outras festas, onde a comida é preparada com bastante antecedência e que, pela grande quantidade elaborada, por vezes fica armazenada fora das condições ideais, os dados recentes do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, referem que a maioria dos casos de toxinfecção alimen-

tar ocorre em casa. E de facto, são vários os procedimentos caseiros em que «facilitamos»: cortar com a mesma faca a carne crua e a seguir a alface para a salada, sem a lavar convenientemente; deixar um alimento a descongelar à temperatura ambiente durante muito tempo, etc. No entanto, mesmo que, por exemplo, a família ingira a mesma refeição contaminada, não significa que todos fiquem doentes. Tudo vai depender da condição do sistema imunitário de cada um. Os mais sensíveis à contaminação são as crianças, idosos, grávidas e doentes, por terem as defesas mais fracas.

Ensopado de galinha

1 galinha do campo; sal e pimenta; 1 raminho de hortelã; 2 cebolas; 3 dentes de alho; 1 dl de azeite; 100g de presunto; 1 folha de louro; 700g de batatas; 200g de ervilhas; 4 fatias de pão caseiro às fatias

Coza a galinha em água com sal, pimenta e parte do ramo de hortelã, durante 45 minutos. Reserve 5dl do caldo da cozedura. Pique as cebolas e os alhos e refogue-os no azeite. Junte a galinha aos pedaços, o presunto lascado e o louro. Deixe alourar e regue com o caldo da cozedura. Cozinhe durante 20 minutos e adicione as batatas às rodela. Coza mais dez minutos. Junte as ervilhas e deixe apurar mais cinco minutos. Aromatize com a restante hortelã. Disponha as fatias de pão num recipiente fundo, regue com o preparado e sirva.

Salada cogumelos

100g de "cogumelos de Paris"; 100g de "cogumelos de shitake"; 1 cenoura; sal; 1 ovo cozido; 1 raminho de salsa; 1 cebola; 2 dentes de alho; 1 laranja; pimenta; 1,5dl de azeite; sumo de ½ limão

De véspera, lave os cogumelos, escorra-os e enxugue. Descasque a cenoura e coza-a durante dez minutos, em água e sal. Escorra-a e corte aos pedaços. Corte os cogumelos às fatias e envolva com a cenoura, o ovo, salsa, a cebola e os alhos, tudo picado. Junte a laranja às rodela sem casca, tempere com sal e pimenta e regue com o azeite e o sumo de limão, acabado de espremer. Deixe a marinhar durante 24 horas. No próprio dia, transfira para uma travessa de servir à mesa.

à mesa

A receita de carne apresentada é muito rica em hidratos de carbono (provenientes do pão, batatas e ervilhas) e deve ser consumida com moderação, sobretudo por pessoas com um estilo de vida muito sedentário. Os cogumelos são fungos muito ricos em mi-

nerais antioxidantes, tais como o zinco e o selénio. Assim, a salada de cogumelos pode ser um óptimo acompanhamento como alternativa à batata. Não se esqueça de ter atenção à quantidade de azeite usada.

* Nutricionista

Palavras Cruzadas

Manuel Torres Jacques

Horizontais

1º terramoto; dança de roda = 2º cigano = 3º está; país do norte de África; nome da letra "g" = 4º patroa; antiga moeda persa; semelhante = 5º maltrapilho; género de peixes sem espinha = 6º pessoa que não vê durante o dia e que só distingue os objectos quando anoitece = 7º que tem conhecimentos obtidos pela leitura; pouco espesso = 8º pedra em tupi-guarani; sinal afirmativo; gracejar = 9º dado que; tubos; antes de Cristo = 10º habitação = 11º o mesmo que "almofeira"; ave africana da família dos dentirrostrós =

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Verticais

1º mesa onde se diz missa; o mesmo que alisar = 2º género de moluscos cefalópodes = 3º gume; confiada; nota musical = 4º lírio; vazio; preposição = 5º ágata muito fina que apresenta camadas paralelas de diferentes cores; nome feminino = 6º tecido arrendado de seda escura = 7º linha ferroviária em francês; maneira = 8º reza; o maior; título inglês = 9º laço; encontrar; campeão = 10º corredor subterrâneo = 11º planta ornamental da família das compostas; mamíferos cetáceos =

É bom ter saúde

O colesterol é uma substância gorda presente em todas as células do nosso organismo, necessária, em pequenas quantidades, para o seu funcionamento. É produzido no fígado ou obtida através da ingestão de alimentos de origem animal. É também o precursor de hormonas importantes e da vitamina D, que é necessária para o uso de cálcio e para a formação dos ossos, bem como para a produção da biliar, necessária para a digestão das gorduras dos alimentos. Apesar de tantas funções imprescindíveis para o bom funcionamento do nosso corpo, os níveis de colesterol devem ser controlados. Em excesso, podem ser prejudiciais principalmente ao nível cardiovascular.

São várias as causas para ter o colesterol alto. Uma das mais faladas é a alimentação, pois pode contribuir tanto para o elevar como para o evitar. O uso de gorduras saturadas da carne, leite e derivados são as principais fontes de coles-

terol na nossa alimentação. Também as gorduras vegetais quando sujeitas a altas temperaturas ou a manipulações industriais (fritos, pré-cozinhados, etc.), podem tornar-se perigosas para a saúde. Por isso, devem-se evitar os fritos, refogados e carne com muita gordura como carne de porco ou enchidos. O azeite é uma gordura muito saudável desde que não seja aquecido. Mas é melhor utilizá-lo em relação ao óleo, com o qual não se deve temperar as saladas. Cuidado com a publicidade enganosa: certos alimentos não ajudam a baixar o colesterol, apenas não o aumentam pois como são de origem vegetal é impossível que tenham esta gordura na sua composição.

O excesso de peso, a hereditariedade, determinadas doenças (diabetes, insuficiência renal ou doenças da tiróide), a menopausa e a idade também podem levar ao aumento do colesterol no sangue, pois os mecanismos da sua transformação estão mais debilitados.



Rita Braga*

A principal razão para a sociedade se preocupar tanto com o aumento de pessoas com o colesterol elevado é porque este está intimamente ligado ao aumento do risco de doenças cardiovasculares. À medida que o colesterol aumenta também se eleva o risco de doença coronária. Ou seja, indivíduos que têm níveis de colesterol total elevados apresentam o dobro do risco de sofrerem um ataque cardíaco ou um AVC. É importante vigiar com regularidade o colesterol e outros factores de risco de doença cardiovascular, e se os valores não estiverem controlados fale com um profissional de Saúde para o encaminhar na melhor forma de tratamento. Como prevenir é o melhor remédio não há nada como ter um estilo de vida saudável.

* Farmacêutica



Luís Pedro Ribeiro

S. Paio de Antas recordou o poeta do mar e da serra

O poeta de S. Paio de Antas foi homenageado, em Julho, na freguesia que o acolheu em 1912, quando casou com Maria Adelaide da Cunha Sottomayor de Abreu Gouveia. O cinquentenário da morte de António Corrêa d'Oliveira levou a Junta de Freguesia e o município de Esposende a promoverem um conjunto de iniciativas naquela freguesia, das quais se destacam a inauguração de um busto, da autoria do forjanense António Mendanha, e a edição do livro **António Corrêa d'Oliveira – Do**

mar à serra, entre os dois, a terra dos nossos Pais, de Raul Saleiro.

Uma exposição temática no Centro Paroquial sublinhou o percurso literário do poeta, dando a conhecer todas as suas obras, acompanhadas de fotografias e de objectos de uso pessoal do poeta. A mostra incluiu ainda desenhos de António Carneiro, pintor portuense, e baixos-relevos em madeira, de Belemino Ribeiro, escultor esposendense, alusivos ao poeta e à Casa de Belinho. Foi ali, depois de se

ter apaixonado pela mulher que o haveria de acompanhar até ao final da vida, que António Corrêa D'Oliveira escreveu uma parte mais significativa da sua obra poética. Dela nos dá conta agora o livro de Raul Saleiro (*a sua aquisição pode ser feita na Junta de Freguesia*), a par com um conjunto de fotos históricas do poeta. Com mestria, o autor evoca o trajecto literário do poeta, remetendo o leitor para alguns dos poemas que cantaram este território «do mar à serra».

Gemeses, um clube de campeões
pág. 7

Livro: as «Vivências» da forjanense Irene Margarida
pág. 7

Crónicas: um olhar sobre a pobreza
pág. 18



O mestre pescador

Durante décadas, José Couto alimentou-se de peixes que apanhava no Neiva. Hoje desfia essas memórias com nostalgia Texto Nelson Correia (ver textos págs. 10-13)

Ao longo dos anos a pesca tem despertado o interesse de várias pessoas. Junto às margens do Neiva é usual encontrarmos vários adeptos deste desporto. O pescador José Maria da Costa Couto é um deles. Durante décadas percorreu as margens do nosso rio, desde a Azenha da Calça ao Castelo do Neiva.

«Comecei a pescar com sete anos de idade. Tinha paixão pela pesca, mas mais por necessidade. Eram tempos muito difíceis em que se passava fome. O peixe era para consumo». Naquele tempo o equipamento não era sofisticado como actualmente. «A cana que usava era uma es pécie de verga que apanhava junto ao rio e os anzóis eram de arame. Não tinha dinheiro. Mas um belo dia o meu padrinho deu-me cinco 'croas' de foliar. Comprei cinco anzóis e cinco metros de sedilha na loja do António Quesado Ribeiro». Só alguns anos depois é que recebeu uma «cana-da índia» pelas mãos do colega de escola Armando Torres.

José Couto pescava todos os dias, no final do trabalho, e aos domingos. O peixe mais frequente no rio era o enguio, a truta, a boga e o barbo, que não era muito do seu agrado. «Os barbos deixava-os no rio ou dava a outros. Já com as trutas e os enguios fazíamos belas petiscadas». Mas será que ele tinha al-

«Havia trutas, barbos, enguios e bogas. Hoje, o Neiva está sujo e poluído»

gum segredo? «Lógico que eu tinha os meus segredos. Uma boa pescaria tinha a ver com o isco e algumas armadilhas». Como isco, o pescador forjanense, utilizava fígados, tripas de galinha e minhocas, que passava em sangue de galinha e farinha, deixando-as assim alguns dias para que ganhassem um cheiro intenso. «Ao domingo ia com o meu primo para a Azenha do Gaio, colocava

minhocas e sardinha moída numa meia, dentro de uma rede, envolta por um saco. Os enguios eram atraídos pelo cheiro, entravam na rede e depois era só puxar o saco. Eram às dezenas que ficavam na minha armadilha», conta.

Em 1956, emigrou para a Argentina, mas nem aí deixou de pescar, nos lagos do Monte Grande, arredores de Buenos Aires, onde apanhava rãs. «As rãs na Argentina eram uma autêntica iguaria. Eu pegava em carne de vaca. Prendia-a a um cordão que colocava à tona da água. Depois fazia um manjar de coxinhas de rã fritas, acompanhadas por um bom vinho». Regressa a Portugal, em 1970, e nos tempos livres continuou a percorrer as margens do rio. Foi assim até à reforma.

Agora, com 77 anos, recorda: «Sinto falta da pesca, mas a idade já não permite. Fui um pescador que sempre cumpri a lei. Durante todos estes anos tirei sempre a licença necessária». Com saudade, lembra os bons momentos passados nas margens do Neiva, que hoje considera diferentes: «Existe menos peixe porque o rio está sujo, as margens estão cheias de ervas, os donos dos terrenos não fazem a limpeza do espaço». E lamenta: «O rio está cada vez mais poluído».



Luís Pedro Ribeiro

Dr.ª Marina Aguiar - Médica Dentista



Serviços ao seu dispor:

- Implantologia (implantes – colocação de raízes artificiais)
- Cirurgia Oral
- Patologia (diagnóstico de enfermidades bucais)
- Dentisteria (restaurações – tratamento de cáries)
- Prótese fixa e removível
- Odontopediatria (atendimento de crianças e adolescentes)
- Endodontia (tratamento de canal – desvitalizações)
- Periodontologia (tratamento de doenças das gengivas)
- Ortodontia Fixa e Removível (correção de dentes de crianças e adultos)
- Branqueamento e Estética Dentária

Visite-nos no Monte Branco (junto às piscinas e campo de futebol)

Travessa Horácio Queirós n.º 138, R/Ch – Loja E - Forjães
919 334 794 | 963 297 650 | 933 726 360
marinaaguiar1@hotmail.com || www.dr-marina-aguiar.blogspot.com

Local de exercício anterior:
Fundação Lar de Santo António
(antiga Maternidade)

AGROZENDE - Fabricação de estufas e regas, Lda

Sistemas Rega - Plásticos Térmicos - Plásticos Cobertura Solo - Redes - Telas - Climatização

Agrozende Fabricação de Estufas e Regas, Lda é uma empresa moderna que sempre procurou, desde o seu início, apostar na actualização constante dos seus serviços e produtos, proporcionando aos seus clientes a qualidade necessária às suas exigências.



Como empresa em expansão, prestamos os nossos serviços e apoio de norte a sul do país e ilhas, através de equipas especializadas na montagem e aquecimento de estufas, sistemas de regas, armazéns de apoio e Garden Center.

Contactos:

Tlf: 253 983 432 - Fax: 253 983 433 - Email: agrozende@vizzavi.pt
Rua de Agra - Apartado 13 - 4744-909 Fonte Boa - Esposende